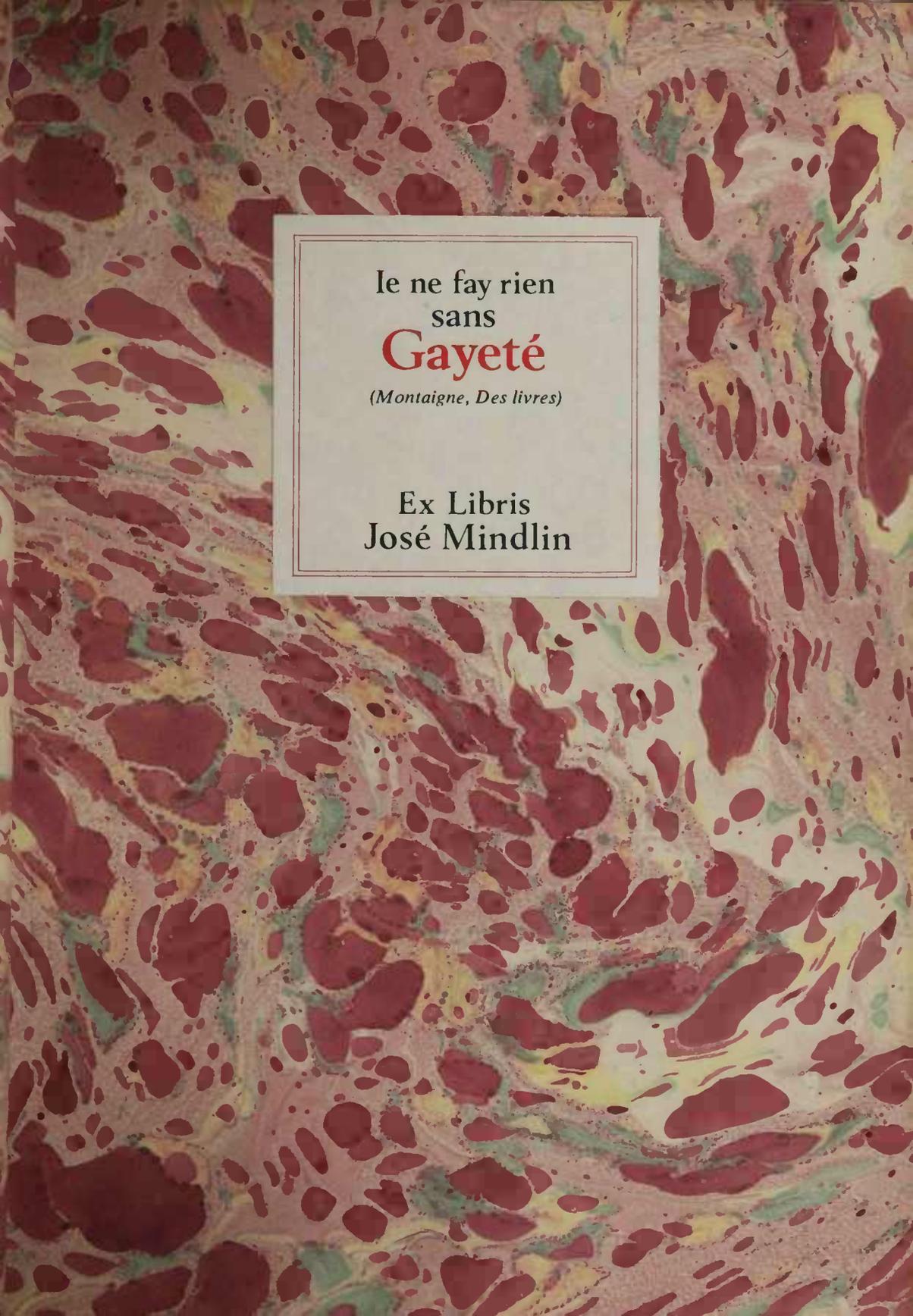


EX-LIBRIS

RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES



le ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

A Alberto, como signal de amizade
e lembrança deste que muito o estimo
Francisco Manuel

So. Luiz, 19 de Junho de 1901

TRAGEDIA EPICA

Francisco Mangabeira

TRAGEDIA EPICA

(Guerra de Canudos)



BAHIA
IMPRESA MODERNA DE PRUDENCIO DE CARVALHO
Rua S. Francisco, 29
—
1900

CARTA A UM MORTO

Meu Caro Joaquim Pedreira:

Este poema, onde canto aquella assombrosa epopéa de valor que se desenrolou no sertão de nossa terra, só podia ser dedicado a ti. Imagina que naquella tragedia epica, onde todos, soldados e fanaticos, foram igualmente victimas do mais lamentavel erro politico, tu representaste um papel eminentemente sympathico, porque morreste quando, entre as scenas ensanguentadas e lancinantes dos hospitaes, procuravas reanimar vidas que se apagavam.

Eu queria que a dedicatoria deste livro traduzisse, por si só, todo o protesto e toda a piedade que se apoderaram do meu espirito diante da carnificina de Canudos. E, assim, lembrou-me ao principio consagrar esta pagina á memoria das victimas da grande tragedia, que foram: não só aquelles soldados que marchavam friamente para a morte, impassiveis e calmos entre o zunir das balas, até que finalmente rolavam pelo chão, onde se lhes exhalava dos labios o ultimo suspiro, que deveria ser uma expressão de saudade e tristeza aos seus filhinhos, já sem pae; mas tambem aquelles tabaréos, que lembravam leões, e que, das encostas calvas e abrasadas dos seus montes nũs, resistiram com uma bravura louca até ao ultimo instante, sem que jamais vergassem a espinha numa mesura de submissão e covardia.

Pensei tambem em dedicar este trabalho aos meus queridos e leaes companheiros de expedição, que, seguindo o teu nobre exemplo abandonaram commigo os bancos academicos num dia de alegria, nossas e tristezas dos nossos. Seria uma prova de amizade e carinho para com elles, dos quaes muitos não verei nunca mais, e, ao mesmo tempo, uma boa maneira de exprimir a minha repulsa áquelle monstruoso pesadelo da Patria, pois o offerecer um trabalho em que se celebra uma guerra aos que lá foram na missão da Paz, da Caridade e

do Amôr, outra coisa não é senão reprová-la. Só muito depois foi que se me deparou a idéa de consagrar-te o meu poema, e então não me custou offerecer-t'o, desde que no teu nome posso synthetisar tudo o que penso sobre aquelle morticínio, ao qual assisti até ao fim, emquanto tu, ainda com 18 annos . . .

Ah! A tua morte, apesar de ser uma desgraça, poupou-te uma desillusão . . .

Não viste como morreram os últimos fanáticos, nem como voltaram os bravos soldados que para lá foram por uma inepeia politica . . .

Sabes? Pode ser que muitos já estejam a rir de eu conversar contigo que me não podes responder, porque já dormes o longo somno sem sonhos. Mas que querem elles?

Se converso com um morto sobre uma desgraça da nossa Patria, é porque os vivos parece não ligarem importancia a essas futilidades.

Que, de lá, recebas com ternura e meiguice a intenção de minha offerta, e enchas de consolo as victimas daquella guerra, á sepultura das quaes deposito este poema como um epitaphio modesto.

Bahia, 3 de Outubro de 1900.

Francisca Mangabeira

I

ADEUS!

Lá vão elles, lá vão . Olham tristonhamente
A casaria branca, os templos triumphaes,
As ruas, os jardins, as arvores, a serra,
Toda loira de sol, desta querida terra,
Para onde talvez não voltem nunca mais.

Lá vão elles, lá vão . Adeus! sitios alegres
Onde outr'ora cantava o passaro do amor. .
Adeus! sol sem igual e aragens olorantes.
Adeus! de novo adeus! noites irradiantes
Em que a lua accendia um astro em cada flor!

Adeus! cidade antiga, em cujo seio amado
Viveram sob o olhar e a protecção de Deus...
Dias passados já, felizes e risonhos,
Em que traziam na alma os arreboes dos sonhos
E que não voltarão, inda outra vez — adeus!

Adeus! noivas, e irmãs, e esposas... Adeus, filhos
Que nos berços em flor dormitam a sonhar. .
Adeus! A Patria geme! e é só porque ella chora
Que estes soldados vão partir, bosques em fóra,
Talvez—quem sabe Deus?—para não mais voltar.

E lá vão elles! Já tristissimos lamentos
Se escutam. Um tremor agita os corações
Dos que ficam, ao ver com que fatal loucura
Vão em busca da gloria ou então da sepultura
Este bando de heroes, homens feitos leões.

Seguem para a campanha anciosos e frementes...
Porém quantos, meu Deus, não hão de ficar lá
Sem carinhos, no chão, frios e ensanguentados.
A gemer? Mas do sangue heroico dos soldados,
Como o sol — da alvorada, a Patria surgirá.

Muitos hão de ficar sepultos nas paragens
Onde vencerem, e onde o louro triumphal
Cinjirem, recordando os nomades gigantes
Que subjugam reptis, pantheras e elephantes.
E morrem com valor no meio do areial.

Outros hão de voltar sem pernas ou sem braços,
Apresentando então aos homens a melhor
Prova dos brios seus nos prelios mais renhidos.
E assim, a rastejar, tristes e enfraquecidos,
Terão por isso mesmo aclamação maior.

Outros, cheios de gloria, ao penetrar a porta
Do lar, hão de saber que a negra morte fez
Em seus risos surgir o pranto; que morreram
Seus filhos ou seus pais.. Elles, que não tremeram
Na lucta, hão de tremer pela primeira vez.

Paira uma luz vibrante, esplendida e gloriosa,
Dos soldados no olhar, onde rutilam sóes.
Antevêem de certo o quadro da batalha:
Gritos, lamentações, rugidos de metralha,
E, por sobre isso tudo, a calma dos heroes.

Sentem crescer-lhes n'alma a aspiração immensa
De conquistar laureis, e para o azul do céu
Erguem o olhar sereno em votos fervorosos,
Como usam fazer os nautas audaciosos
Quando querem domar a furia do escarcéu.

Almas feitas de bronze — elles desprezam tudo
Para affrontar a morte, heroicos e viris...
Eu amo estes heroes que têm, em taes momentos,
A chamma dos vulcões e a colera dos ventos
Dentro dos corações firmes e juvenis!

Gloria á brava legião! A morte, a-propria morte,
Respeitará a vida a estes que vão partir
Deixando tudo aqui, e não levando nada
A não ser sua audácia, a baioneta, a espada
E a saudade que, atroz, a alma lhes vem ferir.

Deus os conduza... Sempre os acompanhe a gloria..
Que triumphem e nunca a dúvida cruel
Os esmoreça até que, após a guerra, ainda
Possam beijar a mãe, e a filha, e a noiva linda,
Trazendo sobre a fronte a aurora dum laurel.

E' hora de partir! A machina assovia
Vomitando fumaça. e move-se, a ranger.
Quanta palpitação nas almas! Quanta magoa!
Quantos olhos estão baixos e rasos de agoa!
E quanto coração precipite, a gemer!

A deus! adeus! adeus! a multidão exclama
Aos que partem, enquanto, allucinado, o trem
Avança, descrevendo incriveis cabriolas.
Os soldados então correm ás portinholas
Acenando um adeus! que do imo da alma vem.

Vai-se sumindo o trem, quando ua plata-forma
Se levanta, orgulhoso, o nosso pavilhão,
Que, a um só tempo, ao clarão do dia tremulando,
Parece abençoar os bravos e ir lançando
Um adeus prolongado á triste multidão.

II

O BAPTISMO DE SANGUE

EIL-os em meio á estrada. Exhaustos e cansados
Atravessam os montes,
Vingam os alcantis, transpõem os vallados,
Sob a chamma do sol que doira os horisontes,

Quem de longe vê essa estranha molle humana
Viajando no deserto.
Pensa que está fitando alguma caravana
Em busca de um thesouro, ha pouco descoberto.

As lanças, a espelhar, centelham sobre os hombros
 Dos soldados robustos
Que vão, calmos, pisando os lugubres escombros
Do incendio que torrou os miseros arbustos.

Tontos, os animaes escondem-se, escutando
 O brádo das cornetas,
Que soam rudemente, as aves espantando
E espavorindo até as mansas borboletas.

E os soldados lá vão, cheios de atrevimento,
 Pelos caminhos broncos,
E dormem afinal, exhaustos, ao relento,
Deitados pelo chão, nas pedras e nos troncos.

Dé noite o acampamento, á luz que se bifurea
 Em resteas infinitas
Das barracas, parece uma cidade turca
Feita de palanquins, bazares e mesquitas.

Tambem pode lembrar por causa das ramagens
 Que o escondem, na floresta,
Uma taba feliz de indomitos selvagens.
Accesa, celebrando uma pomposa festa.

Divertem-se, e por fim, quando a corneta sôa,
Todos vão á procura.
Da barraca, onde o pranto occulto corre atôa
Abrandando a saudade immensa que os tortura.

O acampamento fica ermo e silencioso.
Só se percebe pelas
Barracas escorrer um fluido luminoso,
Que é a piedade da lua e a magua das estrellas.

Antes do sol raiar, quando no céu ainda
Fulge a lua prateada
Entre os astros, bem como uma princeza linda,
A corneta já diz o toque de alvorada.

Todos despertam logo. Arreiam-se os cavallos
Impacientes e brutos. . .
E, sem haver tremor de terra nem abalos,
O acampamento cae em dois ou trez minutos.

Viajar de madrugada! Eis a maior delicia
Que a existencia enthesoura :
A matta canta e cheira, o vento é uma caricia,
E no céu muito azul a aurora muito louira.

Depois desponta um sol esplendido, sem treagoas,
Incendiando tudo. . .
E elles têm. que fazer uma porção de legoas
Por este inxió sertão esbraseado e mudo!

A fome e a sede já os desanimam ; vê-se
A ampla lingua pendente
Da boca de cada um, babando ; e assim parece
Que são como os dragões das lendas do Oriente.

Os soldádos, ao ver que o dulcido consolo
Para os seus males tarda,
Desesperam, e alguns caem no ardente solo
No podendo aguentar o peso da espingarda.

A canicula atroz incendiou os galhos
Das arvores despidas.
Que se quedam de pé como a pedir orvalho
Que as tornem, como sempre, enormes e floridas.

A viagem finda. Eis quando innumeraveis balas
Perfidas e certeiras
Fazem nos batalhões claros enormes ; alas
E mais alas de heroes tombam no chão inteiras. .

Ninguem sabe o inimigo em que logar se occulta...
E dos bosques em meio
A peleja cruel e pavorosa avulta,
E é cada vez maior o horrivel tiroteio.

Quando os soldados vão descarregando fogo,
Reparam que o adversario
Nada soffreu e sim as arvores que logo
Se despenham, fazendo um ruido extraordinario.

A lucta augmenta: O solo é um rio ensanguentado
Onde boiam os mortos...
Como é triste morrer exangue e abandonado,
Sem carinhos! Sem luz! Sem beijos! Sem confortos!

Luzidos batalhões rolam sem vida; os moços
Officiaes feridos
Com as espadas nas mãos revolvem-se nos fossos,
E morrem acclamando os bravos destimidos.

A tropa, sitiada, avança e não recua
Porque ainda lhe resta
Um bando de leões. E, quando surge a lua,
Acampam afinal no meio da floresta.

E ahi, vendo que a morte arrebatou metade
 Dos companheiros, calma,
Elles choram por fim... mas choram de saudade
Que a saudade é um luar que temos dentro da alma.

III

ASSALTO A' ARTILHARIA

REUNIDOS os fanaticos, um dia,
O chefe exclama: — « O fogo pavoroso
Da rouca artilharia
E' o que nos faz desanimar por ora.
Urge um assalto energico e rajvoso
Aos canhões. . para ver se isto melhora »
— E logo foi deliberado o assalto.

Meio dia. No azul do firmamento
O sol fusila radioso e alto,
Em um deslumbramento.
E os seus raios, batendo nas monstruosas
Rochas, dão-lhes o aspecto de cobalto
E o resplendor das pedras preciosas,
Que ha nos mantos dos principes do Oriente.

Incendia-se o espaço iluminado
 Como um harém festivo. O solo é quente.
 Sem agua, esbraseado.
 O homem pasma ao olhar essas riquezas...
 Que thesouro no céu resplandecente,
 E quantas joias na amplidão accesas!
 Isso no entanto de illusão não passa.

Parece que do pincaro dos montes
 Um rio de rubins se desenlaça.
 Colleiando entre fontes
 Cujas aguas têm brilhos de amethistas.
 E o rio corre, serpenteia, abraça
 O valle, e foge emfim das nossas vistas,
 Que debalde o procuram, deslumbradas.

Nada é mais bello do que o sol que atira
 Os seus raios, luzentes como espadas,
 No espaço de saphyra;
 E faz brotar pelos rochedos brutos
 Selvas de chammas e arvores doiradas,
 Cheias de ninhos, passaros e fructos,*
 Modelados em prasios e diamantes.

O sol em pino incendiando os ares!
 O nôsso imaginar nesses instantes
 Vê quadros singulares:
 Indios vagando de cocar e settas,
 Cortejos de radjahs irradiantes,
 Gondolas onde fadas e poetas
 De lyra em punho cantam, suspirando.

O sol em pino a deslumbrar o espaço!
Nisso trinta fanaticos, olhando
Em redor, e de-passo
Cauteloso, apparecem nos camiuhos
Que levam aos canhões. . De vez em quando
Páram, e espreitam. . Vendo-se sosinhos,
Começam a subir a ribanceira.

Que trabalho ancioso! Em troncos velhos
Agarram-se, elles da melhor maneira.
Uns ferem os joelhos
Nas angulosas pedras; outros cortam
As grossas mãos, pegando-se em rasteiras
Plantas, que tanto peso não supportam,
E sahem com a raiz tenra e pequena.

Galgam mais um pedaço da collina.
Estão quasi no meio; causa pena
A anciã que os domina. .
Rastejam a tremer A terra sôlta
Rola, fazendo ruido. . . Estranha scena!
Fazem agora uma pequena volta.
Estão chegando. Que infernal supplicio!

Não respiram temendo os artilheiros
Que se occultam por sobre o precipicio
Que circumda os oiteiros.
Esgueiram-se e encaminham-se, tremendo,
Sem um rumor, pois o unico bolicio
De uma folha cahir, no chão bateudo,
Perderá tudo o que elles teem feito.

Páram. . . E um delles, cheio de cautela,
 Sentindo um peso a recalcar-lhe o peito,
 Encaminha-se áquella
 Peça feroz, que elle cobiça tanto.
 Affasta os ramos, com cuidado e geito,
 E ahi, repleto do praser e espanto,
 Os artilheiros, offegante, espia:

No chão do acampamento estão deitados
 Junto aos canhões, em morbida apathia,
 Os heroicos soldados,
 Que, sem nenhuma sombra de desgosto,
 Descançam, ao calôr do meio dia,
 Cobrindo os rudes e tostados rostos
 Com os *bonets* e chapéos de abas cahidas:

Nisso, os trinta fanáticos, do seio
 Das moitas silenciosas e esquecidas,
 Arremettem em cheio
 Aos soldados que, aos centos, se levantam.
 Ouvem-se vozes surdas e perdidas,
 Detonações fortissimas que espantam
 Os assaltantes rispídos e loucos...

São rechassados pela soldadesca.
 Que, em vagalhões horrificos e roucos,
 Numa furia dantesca
 Os esmaga, espetando-lhes a fronte
 Nas lanças . Retalhando-os. Restam poucos...
 E estes, vendo-se sós no alto de um monte,
 Resistem sempre, tontos e sombrios.

Vendo que estão vencidos, da montanha
Atiram-se, raivosos e bravios,
 Numa tortura estranha. .
Seus braços arrebentam-sê, seus craneos
De encontro ás pedras racham-se, num's fios
De sangue. . . E emfim morrem sem dar um grito,
Como athletas gloriosos e titaneos,
 Cahidos do infinito!



IV

A REZA

O REDUTO contrario é todo paz. A noite
Lança um manto de crepe aos montes e ás palhoças.
Geme o vento a bater como um estranho açoite
Nas arvores senis, nos morros e nas choças.

Mas na torre da igreja, onde a cruel metralha
Grandes fendas abriu, o sino alegremente
Bate, rebate, canta, e, a badalar, bimbalha
Vertiginosamente.

O sino canta, geme o sino, o sino chora...
E ouve-se uma profunda e mysteriosa prece
Que se eleva, a tremer, pela amplidão afora,
E diminue, e mingua, e arfa, e desaparece.

Agora augmenta... E' como um vagalhão gemendô
Até ir desmanchar-se, aos borbotões, na praia.
Accentua-se, cresce, o espaço percorrendo,
E de novo desmaia.

Paíra o mysterio em tudo. E' o coração dos crentes
Que se desfaz. Recorda eolios violinos
Ou harpas sideraes, finas e transparentes,
Gemendo sob as mãos de uns anjos peregrinos.

E' uma supplica. Ondula e vôa como o incenso
Até ao firmamento, onde as estrellas puras
Se quedam, a escutar num extasis immenso
A reza das creaturas.

Os altos montes nús, as pedras e o arvoredo
Irradiam. O céu acclara-se... E no vento
Como que se apprehende o dulcido segredo
Que a terra escura diz ao claro firmamento.

E a oração continúa. O côro inda mais grave
Torna a prece que lança em tudo um certo encanto.
Em cada alma se sente o gemido de uma ave
Que, ao mesmo tempo, é um canto.

Cheios de assombro, estão os miseros resando.
Veem diante de si santissimas paisagens :
Maria e S. José o Egypto demandando,
Ou da vida de Christo as biblicas passagens.

O cantico, que sae ardente dessas bocas,
Assemelha-se ao mar, á luz da lua cheia,
Que se encrespa e depois estoira, em ancias loucas,
Nas rochas e na areia.

Casa-se a voz dos sinos á voz das ladainhas,
Dos fanaticos a alma isentando de abrolhos. . .
E as mães beijam com ancia as doces eriancinhas
Que contemplan o céu com sorrisos nos olhos.

E' que as erianças vêm um serafim de azas
Branças e fronte loura, um anjo que lhes beija
A face e torna em céu todas as suas casas,
Onde a innocencia adeja.

Pensam que do infinito os astros descem para.
Guial-as entre a funda escuridão da terra,
Mostrando-lhes ao longe uma avenida clara
Onde a ventura, a rir, de peito em peito erra.

As velhas a tremer bemdizem as creanças
Que estão de mãos em cruz, quietas e ajoelhadas,
E em cujo doce olhar vagueiam esperanças,
Como abelhas doiradas.

Rapazes e anciões oram, movendo as contas
Do rosario. . . Meu Deus, como isso é extraordinario!
Elles, que têm sempre as espingardas promptas,
Esquecem-n'as assim que pegam do rosario.

A lampada, que oscilla em meio a igreja, expande
Luz em torno, e clareia a face contrahida
De um selvagem de olhar tranquillo, barba grande,
E tunica comprida.

Tem garras colossaes, pois unhas como essas,
Unhas não são. Parece um idolo bizarro
Posto num tamborete em cima de tripeças.
Com o rosto retalhado e os pés cheios de barro.

O seu cajado é mais que o sceptro glorioso
Do mais glorioso rei. Todos o fitam cheios
De pavôr, e a sentir o coração medroso
Tremendo de receios.

A rêsã não se acaba, e o sino canta. Eis quando
Atravessam a igreja, esburacando-a, as balas.
E os pobres sem tremer continuam resando
Adiante do altar, ajoelhados, e em alas.

Cae um ferido aqui, mais outro, este agonisa,
Este outro morre, aquelle estorce-se, adiante
Um perde o braço e fica, em posição concisa,
A rezar, offegante.

Uma terna mulher perde os seios, e fica
A resar, não sentindo a dor. Assim parece
Um desgraçado ser que a prece glorifica
Ou uma santa ideal que glorifica á prece.

Se crusa sobre o peito as mãos, em vez de vel-as
Cheias de sangue, as vê castas e gloriosas. .
E dos seios na chaga ella descobre estrellas,
Alvoradas e rosas.

E as balas pelo espaço explodem furiosas,
Aqui ferindo, além despedaçando altares.
Quebram santos e vão fugindo, estrepitosas,
Como um grito de dor sibilando nos ares.

Uma zune e no tecto, estridula, detona,
Desmachando-se toda em igneos estilhaços.
Elles então á Mãe, que de Jesus é dona,
Alevantam os braços.

Outra vem e derruba o resplendor de Christo,
Uma outra fere um velho e, sibilando, passa.
E de repente o altar não é por elles visto
Porque o rodêa o pó a modo de fumaça.

Uma creança cae toda banhada em sangue
Torcendo-se no chão, afflicta e semi-nua.
O pae beija esse anjo estrebuxante e langue,
E a resar continúa.

Recordam os christãos das mais antigas eras
Que, ao fogo sideral de creença verdadeira,
Affrontavam com calma os impetos das feras
Ou morriam a rir dentro de uma fogueira.

Um projectil destróe a lampada mortíça
E a oração continúa em meio a sombra vaga
Porque em seus corações uma outra luz se atíça,
E esta luz não se apaga,

Agora cae ferido o homem de manto e garras. ,
Numa allucinação, todos os rezadores
Se levantam, soltando exclamações bizarras,
Para beijar-lhe as mãos e os olhos soffredores;

Pouco depois gemia a noite de surpresa
E a viração bem longe ia soltar suspiros.
Em vez de balbuciar a magéstosa reza,
Davam tiros e tiros.

Quando a aurora surgia a demandar os portos
Do azul, estremeceu á falta de carinhos.
Por ver a terra assim, cheia de sangue e mortos,
Quando devia estar cheia de passarinhos.

v

OS TREZ OFFICIAES;

NOITE. No acampamento rumoroso
Conversam descuidados
Trez moços officiaes. Um diz:

— Meu berço

E' o mais maravilhoso
Que póde haver ! Nasci nos descampados
Que a ventania agita
Em montanhas de pó no azul disperso.
Doce terra bemdita,
Coberta de planicies assombrosas,
Que são atravessadas
Pelos fortes *gauchos* em cavallos
De patas vigorosas.
Oh regiões amadas
Onde passei tranquillo e sem abalos

A infancia, que saudades
Profundas sinto agora
Dos teus pampas, teus rios e cidades
Onde é mais frio o vento
E as mulheres mais lindas ! Onde a aurora
No inverno limpa o céu todo nevoento
E no verão colora
De ouro e luz o radioso firmamento !
Comtigo eu aprendi, desde criança,
A arrostar toda a sorte de perigo
E a enterrar uma lança
No peito do inimigo.

Salve, terra dos Pampas, onde a vida
Corre agitada e bôa,
E o *gaucho* viaja alegremente,
Sem pezares e atôa,
Num animal valente,
Com o lenço no pescoço
E um enorme chapéo de aba cahida,
Resguardando-lhe o rosto.
Passa a vida sem sombra de desgosto :
De manhã, muito cedo,
Depois dum leve almoço
De mate ou xarque, monta e vai sem medo
Desbravando as savanas.
Descança em casas pobres onde moram
Honestos lavradores
E morenas serranas
Que, sem mágoas e dores,
Vivem placidamente e nunca choram.
Quer no inverno sem tregos,
Quer no verão ardente.

Elle viaja assim légoas e légoas,
Partindo duma estancia
E pernitando noutra. Seus cuidados
Cifram-se unicamente
No cavallo fogoso que ergue as patas,
Numa indomavel ancia,
Levando-o por planicies e por mattas
A uma grande distancia.
Terra santa e querida, onde os soldados
Passam a vida inteira
Viajando nas cidades e povoados
Que existem na fronteira. .

Minha terra natal, eu te saúdo
Com os olhos lacrimosos
Porque em ti deixei tudo
Quanto anei nos meus dias venturosos.
Em ti ficon aquella
Que ha de ser minha, o anjo
Em cuja face bella
O firmamento abranjo.
A minha pobre noiva! tão formosa,
Tão innocente, angelica e moçena
Que tem na face o aroma duma rosa
É o candôr duma pallida açucena.
Tão linda que semelha
Uma linda hespanhola
Em cuja boca tremula e vermelha
Desabrocha a corolla
Do beijo. Minha noiva e meu thesouro!
Consolar-me quem hade
Nas horas em que choro
De magoa e de saudade

Por essa creatura a quem adoro
 Como uma divindade?
 Ai! o que me allivia
 E' a certeza que tenho
 De que ella pensa em mim muito medrosa
 Por saber que me empenho
 Nas lutas sem temor como fazia
 Na fraticida guerra
 Que ha pouco se acabou, manchando o solo
 De minha nobre terra.
 Ella receia ainda
 (E é este o meu consolo)
 Da intrepidez infinda
 Com que ás negras batalhas me atirava,
 Enfrentando o inimigo nas guerrilhas
 Ou nos grandes combates pavorosos.
 O brio que eu mostrava
 Se acaso uma cidade sitiava
 Ou defendia-a em impetós raivosos,
 Fazendo maravilhas
 De bravura. Somentemente no passado
 E' que fulge e se encerra
 Meu extincto prazer que foi gosado
 Nas paragens sem fim da minha terra.

Calou-se o official e olhou, com magoa,
 O céo, talvez que vendo novamente
 O passado. E seus olhos de repente
 Ficaram rasos de agoa.

O companheiro diz-lhe :

— Meu amigo,
 Que é isso? Está chorando?

Console-se commigo
Que tambem vou saudades supportando.
Sou das bandas do Norte,
Daquellas vastas zonas
Onde pompeia caudaloso e forte
Um rio enorme e turbido : O Amazonas.
Palavra ! tenho inveja desse rio,
Despotico senhor daquella plaga
Por onde rola rabido e bravio
Inundando paragens
Que, impetuoso, alaga.
Nasce lá no Perú, vê paisagens
Que parecem chimeras :
Florestas colossacs onde os fulgores
Do sol ao chão ainda não chegaram,
E onde vagam indomitos selvagens,
Enraivecidas feras
E cobras multicôres,
Que en suas margens, sequiosos, páram.
Nelle ha ilhas virentes
Todas cheias de flores
E passaros de plumas resplendentes. ...
Como não é soberba a madrugada
A s margens desse oceano
Que os homens chamam rio :
A passara-la
Em cantos seductores
Vai despertando; as arvores enormes,
Douradas pelo sol, tremem e lançam
Suas sombras informes
Nas aguas que de leve se balançam ;
Caem flores e fructos
No chão; as onças erguem-se; os macacos
Pulam entre os cipós tortos e fracos :

Insectos zumbem ; rutilas serpentes
 Deslizam, rastejando
 Entre folhas ; e os rudes indios brutos.
 Enfeitados de pennas reluzentes,
 Quedam-se, com assombro, contemplando
 O sol que lança um fulgido thesouro
 Sobre a copa das arvores acceas.

A's vezes vê-se uma serpente, um touro,
 Um animal que abandonou a tóca,
 A contemplar immovel de surpresas
 Alguma pororoca.
 A pororoca assombra a todo mundo,
 Tão estranha ella é. Enorme ruga
 Surge a face das agoas, incha, augmenta,
 Qual uma desmedida tartaruga,
 Que, sahindo do fundo
 Do rio, á tona delle se apresenta.
 Ruge, desliza, corre, vóa, e toma
 Um volume espantoso; já parece
 Estranho mastodonte
 Que, pouco a pouco, assoma
 No rio; desenvolve-se, escurece
 Tudo em torno, doudeja, e qual um monte
 Que rápido se racha, e treme, e tomba,
 Ella desaba num rumor de fragoas.
 Dir-se-ia que se arromba
 A terra : as naus afundam-se nas agoas.
 Que voltam logo á calma costumada.

Pois bem, nessa região maravilhosa
 E privilegiada

Nasci. Ah minha mãe ! com que amargura
Revejo a minha vida desditosa
E sinto que a ventura,
Por ser-nos bôa, é falsa e mentirosa.

Minha mãe é uma santa
De cujo olhar na doce transparencia
Radioso se levanta
Um astro que me leva
Em meio á negra e carregada treva
Da noite da existencia!
O mel de seu sorriso
Embriagou a minha adolescencia.
Que foi um paraíso
Repleto de praseres.
E' a melhor das mulheres,
Tem a alma pura como os jasmineiros,
Que derramam no espaço
Deliciosos cheiros.
Lembra-me ainda quando, á noite, unidos
Num apertado abraço.
Olhávamos no rio reflectidos
Os brilhos do luar que irradiava.
A forte correnteza
Parecia que aos poucos se abrandava
Numa ignorada e morbida tristeza,
Que nos arrebatava.
Como que andavam almas
De crianças, de monges e poetas
Por sobre as agoas calmas.
Onde o luar batia recordando
Um enxame de argenteas borboletas.
Ainda eu sinto no meu rosto o pranto

Que ella derramou, quando
 A abraçei entre lagrimas. Ah! quanto
 A ausencia martyriza
 O coração que soffre e que precisa
 Dum consolo qualquer ás suas penas.
 Hontem eu tinha tudo que queria,
 Agora tenho apenas
 A saudade que o peito me crúcia. .
 Mas para que resuscitar pesares?
 Sabem? Vou terminar. Nasci no Norte
 Em uma região immensa e rica
 Que tem um rio gigantesco é forte,
 Florestas seculares,
 Serpentes colossaes, feras hediondas.
 Lindos passaros e indias espantadas,
 De amplas fórmias redondas.
 Terra ardente que fica
 Nas linhas do equador incendiadas,
 Ha nella seringaes de onde se tira
 Toda a variedade de borrachas...
 Eu sou filho dahi e é por meu gosto
 Que me acho com Vocês nesta campanha.
 Sereno e resoluto,
 De espada e de bombachas.

Com o sorriso no rosto
 Termina, e o seu olhar vago acompanha
 A fumaça alva e leve do charuto

Princípia o terceiro assim: Nascemos
 Na mesma terra, amigos.
 No entretanto que extremos,

Que differença em nossos inimigos!
 O de um é o inverno frio,
 O do outro é um grande rio,
 O meu é o sol. Nasci nas terras onde
 Impera ás vezes um verão que abrasa,
 Seccando a agoa das fontes
 A secca é um triste quadro :
 Os horisontes
 Muito azues sem a flecha duma aza ;
 No campo o gado como que se esconde
 Em busca de agoa, e, sequioso, morre ;
 Nas arvores, despidas
 De ramagens, a luz do sol escorre
 Como o pranto radioso dos espaços.
 Mulheres inanidas
 Com os filhinhos nos braços
 Atravessam a estrada enlouquecidas,
 Comendo galhos seccos e raizes.
 As pobres criancinhas
 Já nem podem chorar, e as infelizes
 Mães para o firmamento
 Erguem o olhar, exhaustas e mesquinhas.
 Apoz tanto tormento
 Morrem pelas estradas.
 Numa attitude langue,
 Emquanto os filhos sugam-lhe as mirradas
 Mamas que expellem sangue.
 Sou filho do sertão! Antigamente
 Eu era um grande atirador. A caça
 Que eu visse estava morta, certamente.
 Ah! como tudo passa!
 Adeus, noites de lua que eu amava,
 E em que, ao som da viola e do pandeiro,
 A tabarôa candida dançava

No centro do terreiro.
 Adeus, *tyrannas* ao luar saudoso,
 Quando surgiam, frescos e risonhos,
 Em minha alma, num bando vaporoso,
 Como andorinhas — os primeiros sonhos...
 Adeus, oh mattas virgens onde tantas
 Vezes o meu facão limpo e afiado
 Retallhou grandes cobras que, pulando
 Sobre mim num furôr desesperado,
 Por fim ás minhas plantas
 Cahiam rabeando,
 Com os olhos a saltar e a boca aberta.
 Vendo-as mortas, eu logo
 As arrastava pelo chão em fogo
 Até chegar á villa erma e deserta
 Trazendo-as como louros de victoria.
 Enfeitava as paredes
 Da minha casa com seus lindos couros
 Cheios de malhas recordando redes
 De seda, e contemplava satisfeito
 Esses tropheus de gloria,
 Que me custavam tanto. Hoje é desfeito
 Todo o meu goso Adeus, terra divina
 Onde nasceu tambem a minha filha,
 Que é formosa, risonha e pequenina
 Como uma pequenina maravilha.
 Não é da terra; pois a sua fala
 Lembra uma lingua angelica e divina.
 Que me extasia e embala
 Entre as nuvens dum sonho transparente.
 Miragem seductora!
 Inda é tão innocente
 Que nem sabe se é linda e encantadora.
 Foi de certo um presente

Que o Deus omnipotente
Me deu, porque ella é minha,
Que me sinto feliz por ser captivo
Dessa pobre rainha,
Que, como um anjo buliçoso e vivo,
Appareceu um dia em minha vida
Para em céo transformal-a.
Minha filha querida
Quando anda parece-me que vòã
Pelo meio da sala,
Onde sorrindo entòã
Uma alegre canção desconhecida,
Se por acaso fala.
Ao vel-a, tenho orgulho e tenho pena...
Porque ella é tão affavel,
Carinhosa e pequena,
Que, ao contemplal-a, fico
A um tempo venturoso e miseravel.
Esse milagre immenso eu não explico :
Sou pequeno e sou grande,
Desventurado e rico!
E' que esse affecto dentro em mim se expande
Por tal forma que eu temo
Perdel-a ou abandonal-a... Oh Deus supremo,
Se um dia ella deixasse o lar celeste
E eu ficasse sosinho,
Ou então se eu morresse e ella ficasse
Como uma ave sem ninho,
Quanto não soffreriamos por este
Mundo!... Basta de dor. Tenho na face
Indicios de delirio
Porque falei naquella que é meu goso
E' é todo o meu martyrio.
Ah! emquanto saudoso

Soffro, ella ri talvez, porque não sabe
 Como é grandioso
 O affecto que em mim cabe.
 Que ria sempre. . e esse sorrir ditoso,
 Meu Deus, nunca se acabe!

Ahi parou, sentindo
 Uma grande tristeza. E' o que primeiro
 Falou, murmura: Um amargor infido
 Nos lacerou o coração inteiro
 Só porque conversamos
 Sobre a terra natal onde deixamos
 Os entes mais amados.

Diz o segundo: E que por tanto o serem
 Tanto nos lastimamos.

O terceiro acrescenta: No entretanto,
 Apezar de adorados
 E de muito valerem
 Para nós que os queremos,
 Os deixamos porque . .

Alvorogados,
 Gritam os três: Porque inda é mais santo
 O amor que á Patria temos.

Nisto, um rumor metallico e estridente
 Perturba a noite quieta.
 Elles erguem-se. . e partem promptamente
 Ouvindo o toque secco da corneta.

VI

A TOMADA DA TRINCHEIRA

O COMMANDANTE

A NOITE é negra, o céu lembra uma fumaça, o vento
Passa triste, a gemer, numa sôfrega voz.
Como é que iremos pois, em tal desolamento,
Atacar o adversário estúpido e feroz?

OS SOLDADOS

A escuridão invade o espaço, no entretanto
Não é preciso luz, pois todos nós trazemos
Dentro da alma um clarão que ha de fulgir enquanto
Houver este Brasil. que tanto estremecemos.

O COMMANDANTE

Mas o adversario está numa trincheira, e della
Ha de nos repellir sem nada padecer. . .
Amigos! E' bom ter um pouco de cautela.
Quem espera, jamais ha de se arrepender.

OS SOLDADOS

Arrepender? Senhor, quem nascé nestas terras
Tem a alma varonil como os seus grandes rios
Que se elevam do chão e roncam pelas serras
E se atiram no mar, raivosos e bravios.

O COMMANDANTE

E se por um acaso ou uma fatalidade
Perdermos? O adversario ha de tripudiar
Sobre nós com rancôr e com ferocidade,
Rasgando esse pendão que vemos tremular.

OS SOLDADOS

Impossivel! Porque se mesmo um só restasse
De nós — a scena tal jamais assistiria,
Pois elle com furor, lutando face a face,
Em prol dessa bandeira amada morreria.

O COMMANDANTE

Reflectamos, portanto. . . Eu juro-vos, amigos,
Que vamos affrontar ainda uma outra vez
O mais forte e o maior de todos os perigos
Sem resultado algum. . . e com azar talvez.

OS SOLDADOS

Se os homens do adversario estão todos occultos,
Avancemos então para desalojal-os,
Esmagando-os no chão, feridos e insepultos,
A fogo, a baioneta e a patas de cavallos.

O COMMANDANTE

Teremos que lutar como desesperados.
Mas, como resistir ao impeto da acção,
Si sentimos sem força os braços fatigados
De tanto pelejar por esse pavilhão?

OS SÓLDADOS

Commandante, nós só descansaremos quando
No alto daquella bruta e colossal trincheira
Virmos, cheia de amor e estrellas, fulgurando
Como um trecho do céu, a nacional bandeira.

O COMMANDANTE

E se, quando travada a luta acerba e dura,
Por uma circumstancia amaldiçoada e má,
Se tornar necessario um rasgo de loucura,
O sacrificio de um — quem se offerecerá?

* * *

Dizendo-o, o commandante olhou attentamente
Seu batallhão querido e heroico que lembrava
Uma desenroscada e fulgida serpente
Que as escamas de aço, aos poucos, ericava.

E nisso um phrenesi ancioso de embaraço
Por todo o batalhão attento percorreu. . .
E os soldados leaes, fazendo mais um passo,
Bradaram juntamente e allucinados — Eu !

« Bravos ! Cada um de vós é mais do que um gigante!
Com tão fortes heróes não recearei nada !
Ao combate ! Marchar ! » ativo, o commandante
Disse, desembainhando a gloriosa espada.

E a tropa desfilou energica e radiosa
Por entre a escuridão do tenebroso véo.

Depois sobre a trincheira ergueu-se, victoriosa,
A ~~bandeira~~ da Patria a recordar o céu.

VII

O HÉRÔE

EIL—o morto! Por fim tombou inanimado
Entre o espanto glacial da tropa que, sentida,
Se ajoelha ante o seu corpo heroico e ensanguentado..

Tinha tanto valor na luta enraivecida
Que parece que a morte iniqua respeitava,
Deslumbrada de assombro, aquella nobre vida.

Quando a luta era mais aterradora e brava,
Elle, em mcio á fumaça escura, apparecia,
E, entre as balas e o horror, intrepido, passava.

A tropa, electrizada, ao ver-lhe a galhardia
E a bravura sem par, colerica e offegante,
O seu vulto sereno, a delirar, séguia.

E então— que frenesi ! O prelio nesse instante
Redobrava de furia ; o ronco da metralha
Era maior, e o chão ficava flammejante.

E elle, calmo, affrontando a raiva da batalha,
Ia a força contraria, altivo, rechassando,
Bem como o furacão que as arvores desgalha.

Jamais alguém o viu estremecer. e, quando
O combate horroroso e incerto ia crescendo,
Sempre o viam tranquillo, as forças animando.

E, se desembainhava, entre o rugido horrendo
Dos canhões, a espelhante espada gloriosa,
Dir-se-ia ter nas mãos um facho resplendendo.

Sempre foi vencedor. . . A sua valorosa
Voz jamais ordenou, cheio de medo e espantô,
Uma só retirada ou fuga desastrosa.

Assim o batalhão pungido chora tanto
Porque afinal morreu aquelle que era forte
Como o oceano, tendo um coração de santo.

Lamenta o que jamais tremeu diante da morte,
Até ver o adversario entregue e prisioneiro
Ante o enorme valor de sua audaz cohorte.

Se era brando na paz, ficava sombranceiro
Na guerra, e, sendo assim, nelle os soldados viam
A um tempo, um commandante, um pai e um companheiro.

Ha pouco, entre o rumôr das balas que zuniam,
Elle passava, quando um tiro violento
O matou; e, ao olhal-o assim, todos soffriam.

Por isso o batalhão, neste cruel momento,
Pensa vel-o surgir do chão onde descança,
Tendo a espada nas mãos, como um deslumbramento..

Ergue-se a radiar, e, glorioso, avança
Com a mesmo intrepidez que tinha na peleja.
Mas, vendo prisioneira uma gentil creança,

Curva a fronte, e, chorando a sua face beija.

VIII

A CARTA DO SOLDADO

MINHA mãe, ao leres esta
Não chores, que não morri. .
E's o amparo que me resta
E eu sou o amparo de ti.

Quando a peleja é arriscada
E temo um proximo fim,
Julgo ver-te amargurada,
Chorando longe de mim.

E isso causa-me tal magoa
Que nem te posso contar.
Meus olhos enchem-sé de agoa
Só por te verem chorar.

Surprehender-te não devo,
Nem te causar afflicção,
Pois na carta que te escrevo
Vae todo o meu coração.

Isso prova unicamente
Que nunca hei de te esquecer.
Estejas perto ou ausente,
Eu hei de sempre te ver.

Como sabes, foi preciso
Que eu viesse, e vim; depois...
Eis o problema indeciso
Que tanto afflige a nós dois.

Nas batalhas sei portar-me
Com todo o brio e valor.
Se o faço, é para tornar-me
Mais digno do teu amor.

Que martyrio te consome!
Que amarguras soffro eu!
Vives dizendo o meu nome,
E eu dizendo o nome teu!

Embora viva sem brilhos,
Pobre e humilde como os cães,
Sou o mais rico dos filhos
Porque es a melhor das mães!

Tens medo? De que? Receias
Que nos não vejamos... ai!
Em scismas assim não creias,
Porque tambem Deus é pae.

Não vês que Elle, o timoneiro
Desta sossobrante náó,
Que era tão bom de primeiro,
Hoje não pode ser máó?

A's vezes penso que a morte
Pode colher-te de vez,
Tornando o homem mais forte.
No mais covarde talvez.

Ah! si morresses, de certo
Eu, todo desillusões,
Veria o mundo deserto
E o céu sem constellações.

E, quando canissem inerte
Em abrolhos e paúes,
Minh'alma voaria a ver-te
Nos firmamentos azues.

Ai! dos orphãos que se somem
Na infancia, sem mãe, nem fé.
Têm medo de Deus e do homem,
E são espectros de pé . . .

As aves encontram ninhos
E flores pelos vergéis.
E elles, que são passarinhos,
Não acham pousos fieis.

As flores perfume exhalam
Aos orvalhos do arrebol.
Só elles, flores que falam,
Não têm orvalhos, nem sol.

O astro fulge nos espaços,
A abelha encontra jardins,
Somente não acham braços
Elles, que são cherubins.

Para que vivas, um mudo
Voto a Deus rezando estou,
Pois, se a teu lado sou tudo,
Longe de ti nada sou.

Todos têm sua sentença. . .
Das nossas qual a pior?
Se a tua saudade é immensa.
Meu desespero é maior.

Ah! se soubesses com que anciã
Eu falo de ti a sós,
Dos dias da minha infancia
Tão ditosa para nós.

Se avaliasses as penas
Que soffro em torturas mil.
Por essa visão que apenas
Sorriu e voou, subtil.

Não calculas como é grande
A dor que em mim se contém,
Dor que reflue e se expande
Se o pranto aos olhos me vem.

Disseste-me com ternura
Que rezas por mim a Deus.
Oh! mãe, a minha ventura
Depende dos risos teus.

Eu, desde a mais tenra idade,
Notei (e é o que hoje se dá)
Que a minha felicidade
Nos teus prazeres está.

Da guerra o monstro estertora.
Sob os pés do anjo da paz,
Que lembra Nossa Senhora
Esmagando Satanaz.

E' findo o combate insano
E em breve has de ver-me rir.
Não vás pensar que te engano
Que eu nunca soube mentir.

O soldado, embora bravo,
E' esquecido pela lei.
Mas, se eu aqui sou escravo,
Nós teus scismares sou rei!

Não ha pesadelo eterno
E nem eterno escarcéo..
Assim, depois deste inferno,
Ao ver-te, verei o céu.

O teu olhar, que me enleva
E nas sombras me conduz,
Ha de arrancar-me da treva
Para inundar-me de luz.

Inda guardo na lembrança
Aquellas doutrinas sãs
Que me ensinaste em creança
Como reliquias christãs..

E peço-te. em nome dellas,
Que não te queixes jamais
Porque, depois das procellas,
O céu irradia mais.

Adeus! escrevi-te muito
Sem dizer tudo o que quiz.
E' que meu unico intuito
E' ver se ficas feliz.

Tranquillizei-te. No entanto
Sei que, lendo este papel,
Has de banhar-te num pranto
Feito de sangue e de fel.

Acalma-te, e nunca chores
Que teu pranto me faz mal.
Para mim as tuas dores
Ferem mais do que um punhal.

E abençoa a teu amante
Filho que chora porquê
Fala de muito distante
Com o anjo que sempre vê.

IX

D O L O R

I

É TRAIÇOEIRO, mysterioso e vago,
Como os segredos, o destino humano.
Jamais ostenta a limpidez de um lago
E encerra sempre os turbilhões do oceano.

Recorda um rio rapido e ruidoso
Gemendo entre rochedos agoïrentos,
Ora ao reflexo de um luar piedoso,
Ora ao açoite rispido dos ventos.

Debalde alguém procura achar um porto,
Uma praia distante. . . pois se cança,
E vê morrer com o ultimo conforto
A chamma azul da ultima esperança.

Estes, que vão a demandar risinhos
O paiz ideal da primavera,
Choram, vendo a roseira dos seus sonhos
Inda mais murcha do que de antes era.

Moços, que percorreis essas paragens
Hasteando o branco pavilhão da crença,
São ficticias e falsas taes paisagens,
E o rio é turvo, e a cerração é densa.

Abandonae a perfida sereia
De olhos brilhantes como lentejoulas. . .
Não ha além nem um montão de areia,
E nem encostas onde arrulhem rolas.

Voltae! A bruma, que vos cerca, em breve
Vos perderá em meio do caminho.
Assim que cae pelos vergeis a neve,
O passaro, gritando, volta ao ninho.

E o rio corre, pula, engrossa, eleva
O dorso, desce e sobe. de repente
Despenha-se, espumando, pela treva,
Qual uma negra e horrifica serpente.

Tomba no abysmo, torvelinha, arranca
Rochas, e após, enraivecido e forte,
Num oceano intermino se estanca.
No oceano amarissimo da morte.

Dessas agoas escuras apparece
Uma nuvem, que busca a immensidade
Da alma humana onde, triste, permanece,
Porque essa nuvem chama-se Saudade!

A escuridão se extingue ante a alvorada,
Ante as luzes as trevas se consomem. . .
Porque só é profunda e illimitada
A noite que ha no coração do homem?

II

Estas negras idéas assaltaram
De todos o entender, quando morreste.
E, aos tristes olhos dos que te choraram,
Redivivo e sublime, appareceste.

E delles ao olhar allucinado
Se desdobrou, ao modo de um delirio,
Este martyrio santo e abençoado:
Teu glorioso e homerico martyrio.

Julgaram ver-te pela estrada, a face
Livida, o olhar nublado pelo pranto,
Como um cadáver que resuscitasse
Enchendo a todos de respeito e espanto.

Tremulamente, cavalgavas mudo
Entre os feridos. . . e elles, nã magoada
Maneira de te olhar, diñam tudo,
Embora, tristes, não falassem nada.

E, emquanto ensanguentando-te em espinhos,
Bebias a agoa putrida dos brejos,
A tua mãe guardava-te carinhos,
Alguem te dava em pensamento beijos.

Entre gritos, lamentos e gemidos,
Bem como um anjo, impavido, seguias,
Sem reparar que todos os feridos
Soffriam mais por ver quanto soffrias.

E proseguias silencioso. . Quando
Uma arvore surgia no deserto,
Ella ia logo os ramos abaixando,
Talvez querendo ver-te de mais perto.

Tinhas sêde. . porém o sol brilhava
No azul, e sobre as pedras rutilantes,
Como um cofre indiano irradiava,
Derramando topasios e diamantes.

Outras vezes lançava-te nos hombros
Um manto de ouro, e, em meio desta scena.
Apparecias produzindo assombros
E, ao mesmo tempo, despertando pena.

Ao despontar, a lua mysteriosa
Atirava um diadema alviçareiro
Sobre a cabeça triste e gloriosa
Do glorioso e triste cavalleiro.

Quando dormias, sempre um sonho lindo
Enchia de fulgores o teu somno,
E então ficavas, placido, sorrindo,
Bem como um rei sobre o esplendor do throno.

Sonhavas: Todo o céu se abria como
As portas dum palacio de saphyras,
Onde surgiam, num brilhante assomo,
Santas e cherubins tangendo lyras.

Desse grupo sahia uma princeza
Que te mostrava as plagas venturosas,
Onde o céu têm mais astros e belleza
E a terra inteira cobre-se de rosas.

Era a Gloria apontando-te o futuro
Entre as benções dos homens. . Num momento
Despertavas, olhando o céu escuro,
E tiritavas, tremulo, ao relento.

Ao espaço calado e pavoroso,
Como a prisão dum despota nefando,
Perguntavas: Se em sonhos fui ditoso,
Então porque é que não morri sonhando?

A aragem perpassava em teus cabellos
Talvez como um prenuncio da agonia.
Tua fronte sentia pesadelos,
Teu pobre coração tudo sentia!

Então o céo penoso se mostrava
Pela tua infinita desventura. . .
O vento duas azas te emprestava,
E as estrellas chamavam-te da altura.

Quando a aurora no sangue do levante
Ia tingir o seu cabelo louro,
Qual uma deusa vinda de distante
Numa radioça carruagem de ouro,

Continuavas a viagem, quasi
Morto aos effeitos da fatal nevrose.
E o sol, que ardia entre coxins de gase,
Dava-te a gloria de uma apothese. .

III

Jamais em tua cova os negros mares
Da irveja hão de rugir. Calmae, procellas.
Benze-a o pallor de todos os luares!
Sagra-a o clarão de todas as estrellas!

Será como um altar onde os vindouros
Collocarão um dia grandes palmas
De myrtos, de verbenas e de louros,
Junto com o pranto que lhes encha as a'mas.

A Historia exprimirá nestas doridas
Palavras tua abençoada sorte :
— Elle zombou da morte, erguendo vidas,
Por isso vive inda depois da morte!

Ninguém irá chorar a sua magoa
No teu sepulchro, onde a saudade mórã. . .
Que em vez dessas impuras gottas de agoa,
O humedecem as lagrimas da aurora.

Da tua loisa na humida aspereza
Rebentarão com opulencia as flores,
Que são a gratidão da natureza
Para os que em vida alliviaram dores.

E então o pensamento, hoje sombrio,
Dos que te amaram com maior ternura
Poisará, como um passaro erradio,
Sobre o jardim de tua sepultura.

⌘

0 CÉO

QUANDO a noite apparece, e o arco do firmamento
Se illumina, por todo o vasto acampamento
Paira um grande silencio. E' que as recordações
Despertam no soldado um mundo de visões.
Elles fitam scismando, embevecidamente,
A legião formosa, aurea e tremeluzente,
Dos astros, que no espaço estão a rutilar,
Como flores de luz que vêm de rebentar.
Este contempla a face ingenua e perfumada
Da filhinha na estrella esplendida e doirada
Que está muito no alto, erma, a tremeluzir
Tanto, que até parece estar querendo rir
Outro nella já vê a face macilenta
Da pobre mãe, e a estrella então se lhe apresenta
Com uma outra expressão, entristecida já,
Pois parece que soffre e a soluçar está.
Aquella grande estrella, em nuvens escondida,

A outro recorda o olhar que, na hora da partida,
 Lhe lançou, a gemer, um rosto lirial:
 Sua noiva, que lembra um anjo, um madrigal
 De carne e de perfume, uma roseira cheia
 De rosas, uma aurora, um sonho, uma sereia,
 E não um ente humano, e não uma mulher
 Esse outro, vendo além dois astros juntos, quer
 Que sejam — doce engano! — os olhos soffredores
 Da esposa, que está longe a suspirar de amores.
 E conversam assim com as estrellas e o céu
 Os soldados, calmando o rabido escarcéo
 Que sentem dentro d'alma, onde a cruel saudade
 E' uma constellação numa outra immensidade.
 Rezam'baixo, e a oração, em brancas espiraes,
 Sobre até junto a Deus, para não voltar mais,
 Porque os anjos, sorrindo, em suas leves azas
 A acolheram e após foram ás tristes casas
 Dos soldados levar uma consolação
 A' esposa, á filha, á mãe que soluçando estão,
 E olham também o céu, e veem nas estrellas
 O filho, o amante, o irmão, que andam lutando pelas
 Guerras

O firmamento assiste aos mais cruéis
 Transes dos corações amantes e fieis,
 Que soffrem o martyrio horrífico da ausencia . . .
 No entanto elle não tem um pouco de clemencia
 Para tanto pezar e tão immensa dor . . .
 Negro e claro, mistura ás trevas o fulgor,
 Como se acaso fosse um regulo africano,
 Que, impassivel, sereno, altivo e sobrehumano,
 Ostente um resplendor divino e colossal
 Na cabeça, e nas mãos o sceptro imperial,
 Arrastando após si, como a sentir desdouro,
 Um manto de setim todo bordado a ouro.

XI

A VIVANDEIRA

NUM recanto da estrada
Despida e esbrazcada
Ergue-se entre cipós a mancha informe
De uma esguia barraca esburacada,
Que assiste, muda, a um desespero enorme.

Alli dentro agonisa,
Como chamma indecisa,
A vida de um heróe, que se levanta
Crispando as mãos, porque falar precisa,
E sente a fala presa na garganta.

Crispa as mãos, desgraçado !
Geme, geme, soldado!
Pois morrerás sem ver aquella que amas.
Soffre, que nunca mais terás ao lado
A companheira por quem tanto chamas.

Eil-a que surge e enxota
A tua dor ignota,
E, a beijar-te e a chorar, te limpa a blusa
Encharcada do sangue, que borbota
Dos labios da ferida ampla e diffusa.

Vês um céu deslumbrante
Como esposo ou amante,
Já que o não viste como combatente.
Por isso — que milagre! — neste instante
Apezar de infeliz, estás contente.

O soldado procura
Beijar-lhe a face pura
E ouvir-lhe a fala que o pesar lhe afasta.
Emquanto ella ajoelha-se, e murmura
Preces ao céu, numa attitude casta.

Ha tanto que erra, ha tanto !
Entré o carinho e o espanto,
Para cuidar do amante e protegê-lo . .
E hoje lava-lhe as chagas com o seu pranto,
Enxugando-as depois com o seu cabelo.

Veio de longe terra
Para seguir na guerra
O seu amor. Soffreu todas as dores.
E esta vale por todas porque encerra
Mais fel, mais desespero, e mais horrores.

Atravessou caminhos
E desertos maninhos,
De pés descalços, gloriosa e calma. .
No entanto ha mais agrura e mais espinhos
Nesses desertos que lhe surgem n'alma.

Quando a inimiga bala
Feriu, lançando-o a valla.
O amante, ella galgou, louca, a trincheira,
Trazendo-o após, extatica e sem fala.
E pelo amor tornara-se em guerreira.

Guerreira que affrontara
A valentia rara
Do adversario, saltando do baluarte.
Como um heróe, quando entre as balas pára,
Afim de erguer um trapo do estandarte.

Com o amante, a mesquinha
Partiu, quasi sosinha,
E pernitoou nesse logar tristonho.
E, ao ver que delle a morte se avizinha,
Sente fugir-lhe o mais formoso sonho.

Cómo neste momento
Pense no firmamento
Ergue aos anjos a voz sumida e fraca.
Mas esconde todo esse desalento
A indiferença muda da barraca.

Eil-o que estende o braço
Ensanguentado e lasso,
Procurando um carinho. Triste e languê
E' o seu olhar; quer, com desembaraço,
Falar, e de seus labios jorra o sangue.

Morre, fitando o rosto
Livido e decomposto
Da amada companheira que, de braços,
Pende a frente, tranzida de desgosto,
E se debulha em prantos e soluços. ...

Por um rasgão apenas
Entra, em ondas serenas,
A luz de um astro na amplidão brilhando.
E a estrella treme tanto ao ver taes scenas
Que parece que está lagrimejando.

XII

O COMBATE

MADRUGADA sombria. O céu tristonho como
Os vergeis, quando o inverno, em repentino assomo,
Apparece, encharcando a relva dos caminhos,
Esfolhando os rosaes, e desmachando os ninhos.
Nem ao menos de quando em quando uma ave errante
Cruzava o azul. Um tédio infindo e penetrante
Entristecia a terra, e a abobada do espaço
Lembrava um torreão feito de chumbo e de aço.
Não se ouvia um rumôr, um estremecimento,
A não ser raramente um preguiçoso vento,
Que passava, agitando a poeira das montanhas.
É fazendo tremer as flammulas. Estranhas
E vivas sensações abalavam os peitos
Dos soldados, que ao céu erguiam, contrafeitos,
Um demorado olhar de duvida e tristeza. .
Parecia, meu Deus, que a propria natureza

Anciava tambem.

Mais tarde, quando o dia
 As brumas da amplidão nostalgica rompia,
 A corneta soou, longe, nos descampados.
 Sublimes de valor, ergueram-se os soldados
 Ao primeiro signal de combater, e logo
 A metralha rugiu em explosões de fogo,
 Que estrondavam no espaço, esboroando casas,
 Entre nuvens de pó, de escombros e de brasas.
 Os horridos canhões, postados sobre os montes,
 Lembravam legiões negras de mastodontes,
 De cuja bocca ardente a destruição voava
 Aniquilando tudo aquillo que encontrava
 Diante de si. O céu enrubescia. quando
 Elles iam a guela horrenda escancarando,
 Num vomito de chamma. Os seus enormes roncós,
 Que faziam saltar pedras, homens e troncos,
 Seus brilliantes clarões purpureos e assombrosos,
 Que incendiavam o espaço e os montes silenciosos,
 Produziam um medo accentuado e interno,
 Como se aquillo fosse um esboço do inferno.
 Os igneos projectis vertiginosamente
 Atravessavam o ar, batendo de repente
 Nas casas que, aos montões, iam cahindo, numa
 Nuvem de pó que, como impermeavel bruma,
 Cobria tudo em torno. Achavam-se estilhaços
 De paredes, de mãos, de pedras e de braços,
 No humido chão. No entretanto as legiões oppostas
 Lutavam sem recuar, firmes e bem dispostas,
 Com a ancía dos leões que morrem combatendo;
 Pois quem tomba a lutar—vence, embora perdendo.
 A todos espantava o desespero insano,
 Assombrador, feroz, incrivel, sobrehumano,
 Com que o bravo adversario, enraivecido e forte,

Affrontava o perigo, a destruição e a morte,
 Escondido em covis, em buracos e em vallas,
 Para lutar melhor e abrigar-se das balas.

Afinal os canhões calaram-se e, dos flancos,
 Da cidade sitiada, em rispido arrancos,
 Os soldados então desceram, suspendendo
 As bajonetas de aço, e foram envolvendo
 O adversario infeliz num circulo de lanças.
 Cada vez mais estreito. Os velhos e as crianças,
 Não podendo correr, morriam transpassadas
 Pelas armas. E sempre, em ordem e animadas,
 Seguiam para adiante as forças legaes, cheias
 De intrepidez, com o sangue a referver nas veias.
 Cahiam em porção do monte sobre o fosso
 Os sitiantes leaes que, em intimo alvoroço,
 Olhavam para o ponto onde tremiam, bellas,
 As bandeiras da Pátria, enfeitadas de estrellas.
 De subito rolava inerte o commandante,
 Um bravo que trazia acceso no semblante
 O sello da bravura, e cuja honrosa historia
 Era um bello padrão de estoicismo e gloria.
 Redobrava o furor: As tropas, quasi doudas,
 Avançavam, derruindo a golpes de armas todas
 As barreiras... Dir-se-ia um mar tempestuoso
 Submergindo bateis e rochas. Pavoroso
 Delirio! Cada vez o circulo ficava
 Menor. A vaga pouco a pouco se encrespava,
 Rodeando o adversario entrincheirado e afflicto,
 Que não gemia ai! e nem soltava um grito.
 Era de horrorisar! Nesse cruel momento
 Estranha appareição no azul do firmamento
 Surgia: uma visão d'alçissima e formosa

Cómo a alvorada, um anjo, um pássaro ou uma rosa.
Então a luz do sol, em uma labareda
Voraz, incendiava a deslumbrante seda
Da cupola infinita, enchendo-a de esplendores,
Tornando-a num jardim de luminosas flores.
E a miragem sorria extasiada e pura
Aos soldados que, quasi escravos da loucura,
Sem receio nenhum, expunham mais a vida,
Porque viam sorrir a Patria agradecida.

Tornava-se mais feia a tetrica batalha.

O adversario, que a furia immensa da metralha
Dizimára, apesar de exaustó, não cedia
Um só palmo de terra e, quando algum cahia,
Os companheiros logo o apunhalavam para
Não ser aprisionado. Heroicidade avara!
Os fortes batalhões premiavam pouco a pouco,
O adversario que, audaz, inconsciente e louco,
Resistia, lembrando em seu constante aferro
Um touro a revolver-se entre grilhões de ferro.
Um assombro! As legiões armadas proseguiram
Na investida, pisando aquelles que morriam,
E a mergulhar os pés em borbotões de sangue,
Aqui, no duro chão, extenuado e languê,
Anciava um combatente; adiante, na barranca,
Gemia um capitão de barba longa e branca
Que, ao transpor a montanha, erguendo a espada nua
Na mão, veio uma bala impiedosa e crua
Feril-o e arremessar de cima do cavallo,
Que, espantado, fugiu ante tamanho abalo.
Emfim se viam sobre o chão montes enormes
De feridos os quaes, horriveis e desformes,

Olhavam com tristeza os membros, que eram trapos
Pendurados do tronco, ou tremulos farrapos
Humanos, a sangrar. Da vastidão infinda,
O sol, numa vehemencia irradiante e linda,
Atirava-lhes, meigo, uma porção de raios
Nas feridas, que, a arder em rutilos desmaios,
Se cobriam de luz e pedras preciosas
Depois, em vibrações ardentes e formosas,
Lançava-lhes na frente uma corôa. Era
A glorificação purissima e sincera
Do céo, do sol, emfim da natureza amante
Ao muito destemido exercito pujante
Que, cada vez mais forte, ia avançando. Nada
O aterrava. O adversario então, vendo fanada
A esperança, dispoz uma fogueira horrivel
E esperou. Logo após se viu o mais terrivel
Quadro: Velhos, de olliar horrifico e severo,
Jogavam-se no fogo; homens, com desespero,
Lançavam-se tambem por entre as brazas quentes,
Crispando as mãos, olhando o céo, rangendo os dentes,
Com as carnes a chiar incendiada pelo
Fogo que lhes torrava os olhos e o cabello.
As mãos, sentindo na alma impetuosas flammias,
Com os filhinhos no collo, atiravam-se às chammas...
Era um drama de dôr aquelle atroz martyrio,
Como um sonho horroroso em noites de delirio!
No entanto mais adiante aquella gente bruta
Provocava de novo a encarnigada luta.
Inda outra vez o solo enchia-se de mortos
E feridos que alli, cheios de desconfortos,
Choravam, não de medo, e sim porque num sonho
Elles viam surgir o passado risinho,
Quando em seus corações desabrochavam calmas
As illusões, assim como em Setembro as palmas

Se enchem de flores . . . Tempo abençoado o leve,
Que, por ser tão feliz, foi que passou tão breve!

De repente o rumor estúpido e selvagem
Do combate os detinha em meio da viagem
Que faziam da infancia á actualidade. Tontos,
Dirigiam o olhar para todos os pontos,
E viam no occidente o sol cahir tranquillo,
Mostrando-se portanto indifferente áquillo,
Expiravam alguns e, como borboletas,
Suas almas ao céu voavam irrequietas. .
Outros, ardendo em ancia, ouviam silenciosos
Os ruidos infernaes, bruscos e estrepitosos,
Da peleja inda incerta e que, por esta causa,
Se encarniçava mais e não fazia pausa.
Dir-se-ia um grande circo onde rugissem feras,
Ou um terremoto hediondo a escancarar crateras!
Era a tropa que, numa inconcebivel furia,
Avançava, gloriosa, energica, purpurea.
Destroçando o adversario á ferro, a fogo e á lança,
Numa sêde sem fim de raiva e de vingança,
Por ver que elle, apezar desses revezes. doudo,
Era veñcido só em parte e não de todo,
E sustentava a luta, ainda depois disso,
Sempre raivoso, firm , impavido e insubmisso.

O combate acabou, quando na immensidade
A lua appareceu, triste como a orphandade.

XIII

A AGONIA DO FERIDO

I

VEIO para o hospital um destemido, um forte,
Que, arrostando o furor da luta enraivecida,
Viu surgir de repente a escuridão da morte
Na limpidez azul do céu de sua vida.

Como a aguiã acostumada a devassar o espaço,
Tinha a feição de quem se habituara as lutas.
Dentadura de jaspe e músculos de aço,
E uns ombros rijos como as rijas pedra brutas.

No entretanto uma bala aniquilou sosinha
Tamanha robustez, e elle, tremente e doudo,
Ao sentir o seu craneo arrebetado, tinha
Impetos de abatel-o e esmigalhal-o todo.

Em breve morreria. . . A sua herculea face
Descorava de todo, e em seu olhar havia
O brilho que ha no céo assim que o dia nasce,
E o pallor que o céo tem, quando se extingue o dia.

Balbuciava uns sons tristissimos, lembrando
Os soluços do mar e uma paisagem linda
Pairava-lhe no olhar, mysterioso e brando .
Ai! No ultimo instante elle sonhava ainda!

E que via o infeliz em seu delirio? — A casta
Noiva beijando-o, como um relicario santo. . .
Hauria todo o olor da sua trança basta,
E ouvia a sua voz, que recordava um canto.

Via a igreja onde, á vez primeira, viu sorrindo
Com seu corpete branco e sua saia escura,
A mais querida flor, o seraphim mais lindo,
Que no mundo surgiu. em moldes de creatura.

O sino que chamava á missa os habitantes,
Entre os quaes ella ia, affavel e travessa.
Osteutando no olhar um cofre de diamantes,
E uma rosa em botão ná tremula cabeça.

A arvore, onde a beijou nos perfumados jambos
Dos seus seios em flor, o placido retiro
Que os ouviu a jurar—assim que um morresse, ambos
Morreriam tambem, num unico suspiro.

As noites de luar em que vagavam pelas
Estradas. permutando afagos e carinhos.
Os olhos della então eram duas estréllas,
E eram os olhos delle um par de passarinhos.

Depois metteu a mão sob a grosseira blusa,
E tirou uma carta, a estremecer de zelos.
Olhando-a, distinguio uma letra confusa,
Uns protestos de amor. . . e um cacho de cabellos.

O rosto se lhe encheu de lagrimas copiosas,
Como por sob a acção duma indomavel ancia.
Talvez visse, escondida entre arvores frondosas,
A singella casinha, onde passou a infancia.

Ah! via os seus irmãos, o prado, os bôis tristonhos,
O rio, onde, ao luar, o jangadeiro canta,
E, por sobre isso tudo, os olhos bons, risonhos,
De sua velha mãe, tão pobre quanto santa.

E um sargento sentiu a dor que não se estanca
Duma saudade atroz. Viu sua mãe, já morta,
Levantar-se da campa, illuminada e branca,
Para abrir-lhe do céu a coruscante porta.

O seu olhar materno, o seu olhar piedoso
Abençoava-a todo, em extase de crente.
Depois se evaporou no espaço silencioso,
Que ficou obumbrado, inesperadamente.

E o sargento a chorar beijou o herói sereno
Na sua dor, lembrando a luz que o occaso expande...
E nunca elle se viu na vida — tão pequeno!
E em sua vida nunca elle se viu tão grande!

Agasalhou-o bem, assim como se fosse
Um filho seu, que visse inerte e moribundo.
De repente parou ao ver como era doce
Do agonisante o olhar nostalgico e profundo.

E' que elle via ainda o longe paraiso,
Sua terra natal, o humilde logarejo,
Onde a noiva lhe deu o seu primeiro riso,
E onde elle lhe depoz o seu primeiro beijo!

II

Aquietou-se. Talvez adormecesse. Os braços
Se lhe esfriaram, como os marmores funereos,
E os seus olhos sem luz tornaram-se tão baços
Como os fogos que, á noite, erram nos cemiterios.

Sob a pompa do sol, os miseros feridos
Commentam entre si os ultimos combates,
Abrigando, a gemer, os membros bi-partidos,
Escondendo do sol as chagas escarlates.

Falam sobre o porvir, pensam ganhar dragonas,
Uma vez que se acabe a horripilante guerra.
— E este rasga raivoso as sujas pantalonas,
Que lhe roçam a chaga.. e extorce-se por terra...

Volta o silencio. Já planejam sobre a volta
Ao lar, onde uma paz interminavel brilha.
E um delles tristemente um longo beijo solta
Em tenção da risonha e pequenina filha.

Lembram o orgulho que hão de ter, contando em casa
Seu estoico valor nesta campanha ingloria,
Que deixou um heróe em cada cova rasa,
E em cada heróe legou uma lecção á Historia.

Um diz: — « Adivinhei em ter sentado praça!
E, em havendo outra guerra, eu lutarei de novo,
A zombar do perigo e a rir-me da desgraça,
Para vingar o nome e o brio do meu povo! »

E, cheio de altivez, olhando os companheiros,
Mostra o peito ferido em baixo da camisa,
Emquanto ao lado seu, nos transees derradeiros,
Um outro denodado, em ancias, agonisa.

Adeante aquelle diz: — « O!hae-me! Acho-me todo
Ferido! Tende dó! Pareço-me com Christo.
A causa disto foi meu heroismo doudo,
E a morte talvez seja a recompensa disto! »

E o que sonhou com a egreja, os prados e o arvoredado
Da terra onde cantou o seu primeiro engano,
A ágonisar, lembrava um rigido rochedo
Doirado pelo sol. batido pelo Oceano.

Estava inteiriçado e frio. Eis quando o toque
De victoria se ouviu-vibrar no acampamento,
E por todos correu um poderoso choque,
Que os emocionou, num arrebatamento.

Uma allucinação : — clarins atroadores
Atravessando o azul, desembanhar de espadas,
Hymnos, acclamações, ruidos de tambores,
Cornetas a bradar, bandeiras desfraldadas.

Feridos a arrastar-se em grupos espalhados,
Como tristes visões de magicas lanternas ;
Uns levantando no ar os braços mutilados,
Outros a rastejar, sem braços ou sem pernas.

Lgrimas de praser, gritos de entusiasmo,
Um frenesi por fim. E, puro como um lirio,
O agonisante ergueu-se, entre um enorme pasmo.
Sublime em seu glorioso e esplendido delirio.

Ergueu-se ! Parecia um redivivo aquelle
Que, ha pouco sobre chão, nem mesmo respirava. . .
Trazia um resplendor em torno a fronte delle.
Tinha bençãos no olhar altivo. Scintillava.

Ergueu-se ! Recordava um monumento feito
De alabastro real ou de marfim antigo.
Olhou o pavilhão brasileiro, satisfeito,
Como se olhasse acaso o seu maior amigo.

Todos, ao vel-o assim, encherem-se de assombro,
Crendo que essa figura alevantada e louca
Suspendia uma lança adamantina ao hombro,
Com auroras no olhar e exclamações na boca.

Lembrava um enviado, um anjo que a paragen,
Do céu deixasse, como os que ha nos Evangelhos...
Junto d'elle, a rezar, ia passando a aragem,
E dir-se-ia que o mundo o olhava de joelhos.

Hirto, de pé, ficou superior a tudo.
Más vendo os batalhões — que civico thesouro ! —
Cambaleou, cahiu. E grande, e nobre, e mudo,
Morreu.

O sol subia, amortalhando-o em ouro.

XIV

OS DOIS CADAVERES

EIL-òs unidos. . . A írrisãõ da sorte
Irmanou-os na funebre jazida.
Como é tocante a paz feita na morte!
Como foi triste a guerra feita em vida!

O fanatìco ainda no semblante
Mostra a expressãõ de colera infinita
Com que avançava, rábido e anhelante,
Em meio à luta homérica e maldita.

Como que ainda em suas mãos callosas
Refulge o bacamarte, cujos tiros
Gritando, em vibrações estrepitosas,
Enchiam de pavor estes retiros.

A esfarrapada e misera roupagem,
Que lhe servê na campa de mortalha,
Mil vezes viu sua feroz coragem
Nos mais horriveis transes da batalha.

Esses cabellos duros e compridos,
Como a juba de um bufalo ou de um touro
Se ericavam nos prelios desabridos,
Sob a frieza do chapéo de couro.

Por isso quem o vê sente um assombro,
Quando emoção mais tetrica não sinta,
Pois julga vel-o de espingarda ao hombro,
Na mão — cartuchos, e facão á cinta.

Vê-se tambem no rosto do soldado
O entusiasmo ardente do guerreiro,
Que no fero combate encarniçado
Queria ser dos bravos o primeiro.

A sua mão esqualida e desfeita
Parece ainda procurar a espada,
E a baioneta fulgurosa e estreita,
E a auriverde bandeira constellada.

Dir-se-ia que elle se ergue de repente
E, atirando-se á luta, anima os fracos,
Que vêm que as balas temem o valente
E o bonet lhe circumdam de buracos.

A farda que lhe envolve o corpo duro
E' um padrão de heroismo e de desgraça,
Pois tem as nódeas de seu sangue puro
E exhala ainda um cheiro de fumaça.

Como se fossem grandes inimigos,
Furiosos bateram-se na guerra.
E agora dormem como dois amigos
No seio maternal da mesma terra.

Scenas de paz, inteiramente oppostas.
Suggere esta. O fanatico robusto
Ergue-se e vae, levando a enxada ás costas,
Lavar a terra do sertão adusto.

O soldado da cova se levanta,
E, tendo n'alma um extasis divino,
Fita a bandeira idolatrada, e canta
O hymno da patria, o seu querido hymno.

Mas é tudo illusão, porque o sombrio
Quadro se ostenta, apavorando tudo.
E no seu leito eternamente frio
Cada qual dorme eternamente mudo.

Mas a patria bandeira gloriosa
Deve cobri-los neste isolamento,
Como um pallio de seda luminosa,
Como um pedaço astral do firmamento.

Até parece que ella se abre, e, lenta,
Cobre os guerreiros, qual se fora um manto.
E então, em vez de estrellas, apresenta
Bagas dolorosissimas de pranto.

xv

OS PRISIONEIRO

I

A noite corre mansa A lua melancolica
Fulge na vastidão, e sua branda luz
Desce, e bate, assim como uma cascata esplendida,
Sobre os rochedos nus.

Desce, illumina tudo, e cae desfeita em perolas
Numa arvore mirrada, enchendo-a de um milhão
De ninhos de ouro que entre a ramaria tremula
Apparecendo vão.

Rasteja, lança fogo ás pedras, irradia-se
No chão, em um suave e olympico fulgor.
E de uma podridão faz rebentar de subito
Um jasmineiro em flôr.

Aqui— sobe e incendia uma ruina lugubre,
Como um palacio em cujo encantador jardim
Ha tanques de alabastro, elephantes de marmore
E cysnes de marfim.

Alli—accende e encanta uma floresta insipida.
E com arroubamento erguem-se a declamar
Reis de manto faiscante, e em cujas mãos esqualidas
Lembrã um sceptro-o luar.

Em negra legião, espectros cadavericos
Saem, a soluçar, de dentro dos covis.
E torcem-se, a subir pelos troncos das arvores,
Fantasticos reptis.

Princezas liriae erguem os braços lividos
Ao céu. Pedem piedade. E, medrosas, após
Correm, vendo a seguir seus passos — hippopotamos,
Cada qual máis feroz.

Correm, gritam, e enfim caem no chão exanimés.
E os monstros infernaes devoram-nas sem dó,
Deixando no logar de suas carnes tepidas
Esqueletos e pó.

Adeante uma porção de corpos quasi putridos
Sem olhos, nem nariz — e onde se satisfaz
Um bando aterrorador de vermes e de passaros,
Cada qual mais voraz.

Cabeças a rolar ao som de tristes musicas,
Que entoa a viração, e a humanidade em vez
De tremer disto, trema ante um quadro mais horrído
E mais cruel talvez.

II

Que profunda tristeza !
Dir-se-ia que toda a natureza
Está rezando agora.
Emquanto a lua, branca de surpresa,
Percorre o espaço, antes que venha a aurora.

Os vencidos, em alas,
Fitam os astros, que derramam galas
Pelo céu glorioso . .
Talvez se lembrem do zunir das balas,
Ou dos rugidos do canhão raivoso.

E então uma atrevida
Voz diz bem alto : « —Não nos intimida
Tão desgraçada sorte .
Quem, como nós, barateou a vida,
Sem medo algum ha de affrontar a morte ! »

Mas, antes que os abrace
A negra noiva, o odio, que nelles nasce,
Os torna redivivos.
Têm a arrogancia dos chacaes — na face,
No olhar — a audacia dos leões captivos.

Um delles diz : -- O pranto
Nunca manchou meu rosto, mesmo emquanto
Aos mais duros revezes.
Fui ferido tres vezes, no entretanto
Apezar disso -- combati cem vezes ».

Carrega as sobrelhas,
Porém não geme. . Irradiações vermelhas
Lança dos olhos braços
Ao dizer : — Da peleja entre as centelhas,
Não se cançaram nunca estes meus braços ! »

Derrama um olhar brando
Em torno, e continúa : — « Andei zombando
Da inimiga bombardada,
Pois morria um soldado sempre quando
Eu puchava o gatilho da espingarda.

E se eu inda tivesse
As armas que já tive, se eu pudesse
Findar esses azares,
Minha espingarda, que ninguem conhece,
De novo iria enfumaçar os ares ».

· Cala-se. A contra gosto
Os outros scismam porque esse desgosto
Os torna mais altivos.
Têm a arrogancia dos chacaes no rosto,
No olhar — a audacia dos leões captivos.

Eil-os enfileirados.
Alguns tem já do tronco pendurados
Os membros quasi inermes,
Onde fervilliam, frios e esfomeados,
Num pullular horripilante — os vermes.

Para que o quadro seja
Completo, alli chorando rumoreja
Um bando de creanças.
E só o vento é que, passando, as beija!
E o luar somente é que lhes banha as tranças!

Erguem as mãos mimosas,
Em orações ardentes, fervorosas,
Ao alto firmamento,
Para encontrarem protecções piedosas
Só na lua e no vento.

Esta não tem metade
Dum braço que a diabolica maldade
Duma bala inclemente
Levou ! No entanto ri Ditosa idade,
Porque não duras tu eternamente ?

Aquella já nem pode
Chorar Com mãos magrissimas sacode
As moscas famulentas,
Que lhe comem a chaga, donde explode
Fetido pus em explosões violentas.

Outra, doida de fome,
Sem ter pais, grita, balbuciando o nome
De Deus, tremula e nua .
No entanto a sua vida se consome
Ao brilho yago e mystico da lua.

Uma outra, fria e absorta,
Diz : — Ai ! Eu vi minha irmansinha morta
Ser lançada, entre o riso
Duns homens, ao sepulchro . Indigna porta,
Esta que a conduziu ao paraíso ! »

Diz-lhe um astro:— Que engano !
Ella, que foi um cherubim humano,
Está dormindo apenas
Sob uns palmos de terra onde, todo anno,
Rebentarão boninas e açucenas.

Aquella ao astro, rindo
Pergunta-lhe se o irmão, que era tão lindo,
Tem tambem igual leito
— Está agora entre jasmins, dormindo,
Com as duas mãos cruzadas sobre o peito. »

Pensam todas que a ausencia
Dos pais não será longa . . . E uma innocencia,
Que o verso não descreve,
Faz com que ellas cubicem a existencia,
Crendo seus pais hão de voltar em breve.

Quem cruza este caminho
Sente ferir-lhe a alma o agudo espinho
Duma dor infinita
Qual uma pomba que sahiu do ninho,
E voa... e sobe... e cae do espaço... e grita!

Felizes as crianças,
Das quaes somente a lua afaga as tranças,
E só o vento as beija
E cujas vozes languidas e mansas,
Lembram rezas soando numa igreja.

Adeante se erguem quantos
 Semblantes de mulher vertendo prantos,
 Tendo no olhar uns brilhos
 Castos... que só os pode ter tão santos
 O olhar das mães, vendo a soffrer os filhos.

Levantam supplicantes
 Os braços para Deus, e, soluçantes,
 Atiram-se por terra
 E Deus como que muda em diamantes
 Esse pranto que tanto amor encerra.

Deliram . . . Uma dellas
 Mostra as criancinhas nuas e amarellas
 A lua branca e linda.
 E diz:—Tende clemência de tão bellas
 Aves que soffrem sem voar ainda!

Amamol-as com o grande
 Amor de mãe, que no penar se expande,
 E augmenta na desgraça.
 Dae-nos uma illusão que nos abrande
 A dor, ou menos inclemente a faça.

Em breve morreremos.
 E ellas, que são o bem que mais queremos
 Pelo universo inteiro,
 Hão de morrer tambem nestes extremos?
 Oh! Se assim é, morramos nós primeiro!

Almas das nossas almas,
Nutrimol-as com o sangue., São as palmas
Que vemos nos martyrios.
E hão de morrer sem pão — aves tão calmas!
E hão de murchar sem luz — tão pobres lírios!

E, linda como Venus,
Surge no céu, em candidos acenos,
: Uma visagem branca,
Que, sorrindo, estes modulos serenos
Dos labios cheios de ternura arranca:

III

Mulher, no mundo existe uma alvorada pura
Que em certas almas lança alvissimos clarões,
Enche de crença e amor uma existencia escura,
E um peito já sem fé inunda de illusões.

Esta alvorada irrompe ha muito tempo sobre
A desventura humana, e a sua fulva luz
E' um manto de rubins onde se abriga o pobre,
E que fulgiu no olhar de Christo sobre a Cruz.

Vem do alto... E desde quando appareceu no mundo
O homem primeiro, em si tendo a primeira dor,
Ella surgiu, sorrindo a todo o moribundo,
E a todos concedendo o seu divino amor.

Partiu, illuminando o azul da immensidade
Com seu piedoso olhar, que á terra veio ter
Como um consolo para a dor da humanidade,
Que desde então sentiu que era preciso crer.

Agasalhou no seio as mansas andorinhas
Que voavam, sem ninho. E, carinhosa, após
Os braços estendeu ás loiras creancinhas,
Que queriam falar, porém não tinham voz.

Por onde ella passava um resplendor immenso
Seguia-a. O vasto céo tornava-se em altar.
E o humano coração extatico e suspenso
Dos seus labios, tremia a rir. e a soluçar.

Se via alguém chorar, angelica e sagrada,
Ella voava para acalentar-lhe os ais.
E assim fazia rir a face descorada
Dos que, com tanta dor, já nem sorriam mais.

Aos que não tinham lar mostrava o firmamento
Como um palácio de ouro onde fulgia o sol
Que afugentava a noite, e de onde vinha o vento
Os cyprestes beijar, nas horas do arrebol.

Esta aurora ainda existe, e ha de existir enquanto
Houver ninhos na terra e estrellas na amplitude,
E escorrer por um rosto, em perolas -- o pranto,
E palpar no mundo o humano coração !

Ella, portanto, filha, ha de ir illuminando
Esses anjos que estão quasi a morrer. . E, assim,
Elles chamar-te-ão mais tarde, gorgeliando,
Quaes serafims buscando um outro serafim.

* * *

A pobre ri então como se o anjo lhe fosse
Um prenuncio qualquer.
Seu olhar tem o brilho incomprehendido e doce
Que só têm o luar e os olhos da mulher.

Ajoelha-se. E radiosa, angelical. serena,
Chora e exclama depois :
— Doce imagem, da fé julguei que ereis pequena,
E agora vejo quanto illimitada sois.

Depois de erguer as mãos, extatica e surpresa,
 Suspirou e morreu.
E o céu então fulgiu com muito mais belleza,
E a terra palpitou, e a lua estremeceu.

E' que a alma da infeliz, voando alviçareira,
 Fundiu-se com o luar,
Que da pobre acolheu a bençãam derradeira,
A derradeira prece e o derradeiro olhar.

Por isso a poesia e o resplendor, que encerra
 Da noite o lindo véo,
São as almas ideaes dos martyres da terra,
Que vão, depois da morte, illuminar o céu.

XVI

O INCENDIO

SURGE uma labareda, e outras depois, e ainda
Outras muitas, até que, em legião infinda,
Dominam com violencia a tetrica cidade
Em uma chamma só. que, impetuosa, invade
Tudo o que encontra, e após atira para o espaço
Lanças de ouro, punhaes de prata, settas de aço,
Enchendo de rubins as nuvens, e adornando
De corôas reaes os montes. Vai galgando
O espaço, qual se fosse uma serpente enorme,
Que, torcendo raivosa a cauda desconforme,
Se enrosca, e ergue a cabeça, e após se desenrosca,
E pula, e curvetcia, esbraseada e fosca,
E se impina no ar, e silva, e grita, e geme,
Por ver que ainda tem vida a presa... A terra treme...
A viração parece um halito do fogo

Que, cansado, respira em doce desafoço,
 E recrudescce após, energico e violento.
 A cidade se banha em um deslumbramento
 Horrroso. Parece até uma fornalha,
 De onde em multiplos sons o estrepito se espalha
 De casas a ruir atroadoramente
 A' pressão dos anneis da rabida serpente,
 Que se esgueira, e depois surge, viva e triumphante,
 Aqui. um pouco alem, e muito mais adiante...
 De quando em quando se ergue outro reptil que passa
 Escurecendo tudo, e some-se.. E' a fumaça
 Que volteia no azul, se desenrola, cresce,
 Rareia, se desmancha, e emfim desaparece
 Como um véo.

A cidade está desfeita em brasas...

Uma, e outra depois, foram cahindo as casas.
 As chammas infernaes, brutas e malfazejas,
 Incendiaram já as rusticas igrejas,
 Cujas torres—que horror!—outr'ora tão queridas
 E tão perto do ceo, não foram destruidas
 Pelo incendio brutal, porque antes os soldados
 As tinham derruido a tiros continuados
 De canhão. Felizmente as duas altaneiras
 Torres, que eram tambem horrificas trincheiras,
 Não viram este quadro...

As impiedosas chammas
 Fraqueiam; a serpente as rutilas escamas
 Encolhe que a cidade é uma ruina, e nella
 O incendio se fartou.

Ante tão negra tela,
 Os prisioneiros têm nas profundesas d'alma
 Um desespero atroz, que augmenta e não se acalma...
 Não verão nunca mais a idolatrada igreja,
 A casinha de palha, o cemiterio... Adeja

Nos seus peitos a dor como um abutre horrendo...
Parece nm pesadello a scena que estão vendo .
Olhando pa'a o ceo brilhante e ensanguentado,
Este grupo infeliz e desesperançado
Abaixa a frente, e scisma ante o presente .

E, enquanto
Pelos seus rostos corre em borbotões o pranto,
Passa uma ave a cantar pela amplidão afora
Porque pensa que vê o despontar da aurora.



XVII

CRIANÇAS PRISIONEIRAS

O proprio Deus, lá da altura,
Ha de encher-se de clemencia.
Vendo como a desventura
E' má para com a innocencia.

Não ha scenas mais tristonhas,
Nem de tamanha afflicção :
Bocas, outr'ora risonhas,
Murchas á mingua de pão.

Creanças! Num leve adejo
Procuraes o paraiso
Pois Deus formou-vos de um beijo
E uma lagrima e um sorriso.

E apontou-vos os caminhos
Do mundo para que após
Mudasseis lares em ninhos,
De onde as aves fosseis vós.

E a terra—não se descreve!
Sentiu-se como encantada
A noite ficou mais breve,
E mais extensa a alvorada.

A brisa viu, num suave
Concerto de luz e amôr,
Em cada galho uma ave,
E em cada folha uma flôr.

Lembrando irmans amorosas,
Beijaram, irrequietas,
As borboletas ás rosas,
E as rosas ás borboletas.

Desde então mais calma e nua
Ficou a face do mar.
Vieram as noites de lua.
Pois não havia o luar.

As mãis, olhando, extasiadas,
Do sol os brilhos dispersos,
Pensavam que as madrugadas
Nasciam dentro dos berços.

E esta ao filho, com surpresa,
Dizia: — Deus quiz por fim
Dar a ti toda a beleza,
E todo o carinho a mim...

No entanto sois tão pequenas
E não achais agasalho...
Quem vos negou, açucenas
A doce esmola do orvalho?

As vossas bocas vermelhas
Eram o amor de um vergel
Quaes foram, pois, as abelhas,
Que vos roubaram o mel?

Tivestes beijos e afagos,
Mas hoje a fatalidade
Fez vossos dias presagos,
Ainda no albôr da idade.

Sois como as aves implumes
Que um dia a desgraça quiz
Arrancar de entre os perfumes
Dos quietos ninhos gentis.

Porque estaes presas, dos vossos
Paes, inflexiveis na guerra,
Talvez, com furor, os ossos
Tremam debaixo da terra.

Elles morreram lutando
Em delirios infernaes,
Como rochas desabando
Ao choque dos vendavaes.

No entanto de vós agora
Fogem tão negras lembranças.
Que os mochos fogem da aurora,
E a aurora é como as crianças.

E ainda que o mar vasto e forte
Da vida vos seja máu,
Para os naufragos da sorte
A crença é uma grande náu.

Morreis de fome . No entanto
As aves cantam . No espaço.
O sol desenrola um manto
De lentejoulas e de aço.

Os homens riem-se, vendo
Que ides morrer como cães .
Ai! que pesadelo horrendo
Para aquellas que são mãis.

Em uma profunda ancia,
Deus, da paragem siderea,
Deu toda a grandeza á infancia,
E aos homens — toda a miseria!

Os vossos peitos sagrados
Mostram, num rutilo véo,
A primavera dos prados,
E as madrugadas do céu.

Os corações perversos
Dos homens são como grutas,
Onde ha monstros escondidos,
E serpes e feras brutas.

Buscae o ventre das covas,
Que da terra nos paues
Brotareis em flores novas
E em borboletas azues.

XVIII

A CARAVANA MALDITA

SOL em pino

Lá vae seguindo a caravana
São mãis que olham o céu, quasi que espavoridas,
Porque sentem em si a maior dor humana
Vendo os filhos, que são as suas proprias vidas,
Morrerem como cães famintos pela estrada
São crianças que têm chagas verdes e foscas,
Onde zumbe e voeja a nuvem iriada
De um enxame de moscas
São velhos, cujas mãos se torcem furiosas,
Como que a perseguir vultos imaginarios
P'usilam-lhes no olhar noites tempestuosas,
Perpassam-lhes na voz uivos extraordinarios
São donzellas em flor que seismam tristemente,
Com os seios sob as mãos, cheias de piedade

Rutila-lhes na frente um nimbo refulgente,
 Puro como a saudade
 E assim, enquanto o sol abre vulcões no espaço,
 E em meio á vastidão seus raios espadana,
 A arrastar-se, a gemer de dores e canção,
 Lá vae a caravana

Tudo é secco em redor. As arvores despidas
 Como que têm agora uma ramagem de ouro,
 Grandes flores luzidas
 E ninhos a cantar. Derrama-se um thesouro
 No chão que se illumina, e chagas hediondas
 Transformam-se em rosaes esplendidos e frescos,
 Ou pedras colossaes formosas e redondas,
 De escriptos principescos.
 Ante esta gloria, avança
 A caravana, enquanto o sol, do firmamento,
 Mantos de ouro lhe lança,
 Momento por momento.

Os prisioneiros vão marchando, rodeados
 De tranquilllos soldados,
 Que têm a gloria a rir nas claras baionetas.
 Morrem uns de fadiga e sede nos caminhos,
 E os outros a gemer seguem, deixando trapos
 E carne nos espinhos.
 As crianças gracis, que foram borboletas,
 Agora lembram sapos.
 E em meio deste horror, allucinado e fero,
 Parte da caravana
 Uma voz glacial, cheia de desespero,
 Traduzindo talvez a maior dor humana:

— Minh'alma desesperada
E' como a noite — ai de mim !
Mas esta tem a alvorada,
E a minha noite é sem fim...

Vi o meu filho com sede,
E vi-o morrer á fome. . .
Meu martyrio não se mede,
Porque não pode ter nome

Morre a voz pouco a pouco,
E a caravana triste e lugubre caminha
Parece que tudo isto é uma visão de louco,
Um quadro que se vê e se não adivinha
Ouve-se uma ontra voz a soluçar, que é tanta
A atroz desolação de que ella se colora,
Que a misera que canta
Dir-se-ia que chora :

— Sou virgem, a minha face
Parece mais uma flor.
De onde o matiz se tirasse,
E, após se tirasse o olor

Minh'alma era um passarinho,
Que dormia entre açucenas
E agora geme sem ninho.
E agora soffre sem pennas

Novo silencio . . . Após surge outra voz tão triste
Como um dobre de sino,
Encerrando o amargor que só no peito existe
De quem vê sempre escuro o céu do seu destino :

— Sou muito velha. Meus netos
Onde foram, onde estão?
Ai! foram-se meus affectos,
Mas ficou-me o coração

Eu, que morri muitas vezes
Minha prole morrer vendo,
Para maior dos revezes
Agora vivo. morrendo.

Depois é uma voz mansa,
Porém angustiada. .E' como uma elegia
Que pallida criança
Chorando balbucia:

— Por fim meus olhos seccaram
Ao rigor deste pezar,
E, de tanto que choraram,
Já não podem mais chorar

Sou uma ave que esvoaça,
Fatigada, sobre escolhos.
Para ver tanta desgraça
Antes me furem os olhos . . .

Repassada de dor e fel e desventura,
Uma outra voz murmura :

— A terra estava lavrada
Para muito se colher,
Mas abandonei a enxada,
E tambem fui combater .

Ferido embora, e humilhado,
Sinto maior agonia
Vendo o campo abandonado,
E a terra toda vasia .

Numa curva da estrada a legião maldita
Desapparece . . A treva ameaçadora invade
O azul da immensidade,
Que parece uma estrada esplendida e infinita,
Por onde vae seguindo
A caravana ideal e clara das estrellas.

E os miseros, olhando o céu radiante e lindo,
Pensam que os astros de ouro
São as almas lirias dos mortos adorados,

Que, enquanto elles no mundo, exhaustos e magoados,
Soffrem penas, que só o inferno ha de contel-as,
Atravessam o céu, claro como um sorriso,
Em um cortejo louro,
Demandando o caminho azul do paraiso .

XIX

OS CÃES

I

QUANDO o canhão raivoso atordoava o espaço
Lançando em toda a parte as sombras do terror,
E morriam, dormindo, as crianças no regaço
Das mães que, olhando o céu, vasto zimbório aço.
Pediam compaixão, misericórdia e amor.

E os homens, a gemer, cahiam mutilados.
Quasi cegos de furia e desesperação,
E pedaços de mãos e crânios decepados
Voavam, a recordar trapos ensanguentados
Passando na amplidão.

E no solo, aos montões, rolavam os feridos
Chamando pelos seus em cruciantes ais,
Somente vós, oh cães, ieis, compadecidos,
Enxugar-lhes com ancia os membros doloridos
Para que as chagas vis lhe não doessem mais.

Ereis doces e bons. . . Tinheis no peito anceios
Como os passaros, quando erram por sobre o mar,
Nos pellos — o calor dos amorosos seios,
Fundas magoas na voz, no coração — receios,
E mysterios — no olhar.

E ficaveis então famintos, mas velando
Vossos donos, que a morte em breve ia colher. .
E ganieis de pena, e soluçaveis, quando
Elles iam de leve o corpo levantandô
Para cahir de novo e, exanimes, morrer.

Quantos vezes, meu Deus, os miseros gemiam
Entre nuvens de póeira avermelhada. . . e, após,
Se lançavam o olhar em torno, mais soffriam.
Porque junto de si, a lastimal-os, viam
Unicamente a vós!

Quantas vezes, oh cães, se acaso vos varava
Uma bala inimiga, ao peso do revés,
Não buscaveis, uivando, aquelle que vos dava
Carinhos, e depois, cheios de lodo e bava,
Morrieis a rolar debaixo dos seus pés!

Quantas vezes á criança exausta e desmaiada,
Em cuja alma luzia um fulgido arrebol,
Não ieis oscular a fronte baleada,
Para abrigar-lhe assim a chaga escancarada
 Dos ardores do sol!

Quantos, quantos de vós, vendo morrer o dono,
Não sentiam no peito um intimo pungir,
E, contemplando o céu em mystico abandono,
Como a pedir piedade ao rei do excelso throno,
Junto delles por fim iam tambem dormir!

Como a fome crescêsse, elles, em certo dia,
Resolveram então vos enxotar . . e assim
Pagaram tanto amôr com tanta vilania.
E tristes um a um, em cafila sombria,
 Sumistes-vos por fim.

II

Pobres cães! Pela torrida esplanada
Fugiram a ganir lugubrememente.
Tinham aos pés a angustia acorrentada,
No olliar a névoa duma dôr ingente.

Quando no céu apparecia a lua
Illuminando as solidões e os fossos,
Elles surgiam pela estrada nua,
Magros e esguios, chocalhando os ossos.

E horrorisavam toda a soledade
Com a música feral dos seus gemidos,
Que eram como suspiros de saudade
E gritos de phantasmas perseguidos .

Caracolavam sobre as pedras, tontos,
Até que enfim cahiam offegantes .
E corriam depois para outros pontos
Cómo um bando de lémures errantes.

Incendiavam-se as arvores tranquillias
Ao fulgor dos seus olhos abrasados,
Que traziam nas rútilas pupillas
Cratéras de vulcões incendiados.

E o viajor descuidado que passasse
Pela estrada, alta noite, sentiria
O frio do pavor gelar-lhe a face,
Turvar-lhe a mente a nuvem da agonia.

Os cães ao encontro vinham-lhe, anciosos,
Como presos de electricas centelhas,
E beijavam-lhe as plantas, respeitosos,
A sacudir as caudas e as orelhas.

Depois fugiam e, em tropel immenso,
Mettiam-se nos antros e nas furnas.
Causando mêdo ao viajor suspenso,
Que cria vêr aparições nocturnas.

Outras vezes, attentos, escutavam
Rugir longe o canhão. Nesse momento
Parecia que os míseros choravam,
Que tinham alma, e tinham sentimento.

Pensavam nos seus donos, que nessa hora
Talvez morressem numa luta insana.
E os cães (não acreditem muito embora)
Tinham no olhar uma tristeza humana.

Viam de novo, attonitos de assombros,
O seu senhor que, com descuido e graça,
Sahia cêdo de espingarda ao hombro,
Acompanhado pelos cães de caça.

Dava-se isto em certos dias de ouro
Em que fulgia o sol no azul do espaço,
Como um guerreiro triumphante e louro
De lança em riste e capacete de aço.

Os pobres cães, tristíssimos e afflictos,
Sob a impressão cruel dessas lembranças,
Rolavam pela terra dando gritos,
A soluçar, como se fossem crianças.

Iam seguindo em direcção aos tiros
Como enleitados, mas voltavam tendo
Retratada no olhar e nos suspiros
A grande dor dum coração morrendo.

E o viajor, que passasse á noite pelos
Caminhos onde estavam suas furnas,
Sentiria arripiados os cabellos,
Crendo que via aparições nocturnas.

III

Depois, quando não mais se ouviram tiros — elles
Voltaram, tendo a vista horrorisada e absorta.
E viram, com espanto, as casas incendiadas,
Esqueletos no chão, cabeças degolladas.
Emfim todo o pavor duma cidade morta.

E gemendo, e ganindo allucinadamente,
Num desespero tal que o verso não traduz,
Remexiam com ancia as pedras e os destroços,
Arrancando dahi trapos de vestes e ossos,
Com os olhos tristes como os olhos de Jesus.

Mettiam o focinho agudo entre os escombros
Procurando beijar cadaveres amados,
Que cobriam depois de terra fresca e nova,
Apresentando assim a derradeira prova
De affecto aos donos seus, então inanimados.

Erguiam em silencio os olhos scismadores,
Como que numa prece, á cupola do céo..
Paravam, contemplando os sitios onde de antes
Viveram, e depois cahiam arquejantes,
Sentindo dentro em si um horrido escarcéo.

Numa angustia sem fim, iam passando os dias
E noites a chorar junto das sepulturas,
Até que pouco a pouco a fome, a sede e as penas
Os prostraram, e, á luz das regiões serenas,
Elles morreram como angélicas creaturas.

E assim, por uma lei desconhecida e estranha,
Quando eram sem amor até as proprias mães,
E os homens entre si lutavam como feras,
Esse rancor brutal de hyenas e pantheras
Se mudou em picdade e compaixão nos cães!

xx

M A T E R

DA guerra eis-o que volta a largos passos
E, entrando o lar que abandonara um dia,
Entre beijos e lagrimas e abraços
A mãe o acolhe, douda de alegria.

Um artista de genio, que quizesse
Copiar desse quadro a alta imponencia,
Somente o pintaria se tivesse
Um coração cheio de intelligencia.

Gaguejam. e depois, em voz mais clara.
A mãe pergunta ao filho, pressurosa,
Pelas nobres acções que praticara
Nessa guerra titanica e horrorosa.

Elle conta-lhe então os mais felizes
Transes dessa campanha extraordinaria.
E mostra após as largas cicatrizes,
Que tem ao peito e á frente temeraria.

Estende a mão altivamente, e exclama:
— Eu feri não sei quantos inimigos,
Chafurdei-os em sangue, como em lama,
E enxotei-os depois como mendigos!»

Nisso ella se tornou tremula e branca,
Muito mais branca e mais tremula ainda,
Sentindo n'alma a dor, que não se estanca,
De uma tristeza maternal, infinda.

E o artista genial que desejasse
Reproduzir a dor que a pobre sente,
Só pintara a expressão de sua face
Se Deus lhe desse um coração á mente.

E ella disse: — « Meu filho, de que servem
Os falsos esplendores dessas glorias,
Se os louros que na tua fronte fervem
São de desgraça, e nunca de victorias?

« Posso beijar-te venturosa, quando
Sei que outras choram longe de seus filhos?
Ai! como estão o meu praser turvando
Teus louros, tuas glorias e teus brilhos

« São para mim tão tristes essas palmas,
Essas dragonas tremulas e bellas
Feitas do luto e dor de tantas almas,
Que eu preferia ver-te livre dellas.

« Não sabes inda o que é ser mãe, criança.
Pois se o soubesses, isso não farias,
Que se não rouba a angelica esperança
De uma alma, para encher-a de agonias.

.. Oh! Imagina que voraz ferida
Se abria de subito no peito
De tua mãe, de tua mãe querida,
Se achasses na campanha o ultimo leito

« Se na peleja rabida e confusa
Calhisses, ao rugido da metralha,
Vendo na rota e ensanguentada blusa
Não um trophéo, e sim uma mortalha. . .

« Ao sentires o halito da morte,
Pensarias em mim e então, coitado !
Maldiriam, chorando, a tua sorte,
Oh! glorioso e misero soldado !

« E a quantos filhos que, no ultimo instante,
Evocavam imagens adoradas,
Não esmagaste energico e triumphante,
Ao retintim tинirte das espadas.

« Se acaso a patria defender tu fosses,
E ao inimigo matasses mil soldados,
Os teus triumphos me seriam doces .
Eu beijaria os teus galões doirados

« Se morresses, impavido, na luta,
Seria a tua morte o meu encanto .
Porém lutastes com irmãos, e escuta :
A' tua gloria eu me desfaço em pranto

« Repara bem que a tua heroicidade
Se espediçou, não sei por que mysterio.
Entraste numa fraternal cidade,
Para a transfigurar num cemiterio.

« E agora que te abraço, após a guerra,
Sinto no coração a desventura.
Das mãis que choram nesta mesma terra
Os seus filhos que estão na sepultura.

« Ai! que irrisão! De um desespero immenso .
Cruas lanças o peito me estertoram,
Porque, se beijo a tua frente, penso
Que emquanto me bemdigo, muitas choram ».



NOTAS

Algumas das composições que formam este livro, já foram publicadas em diversos jornaes da Bahia com dedicatória a amigos meus, aos quaes peço desculpa de ter presentemente riscado os seus nomes, pois assim procedi para não quebrar a unidade do poema, que tentei fazer o mais impessoal possível.

Na poesia *Baptismo de sangue*, á pag 21, sahio, por descuido meu, este verso:

Ninguém sabe o inimigo em que logar se occulta

Pensei que procederia bem não empregando absolutamente nesta obra a palavra — *inimigo*, pois entre irmãos, mesmo em guerra, não ha inimigos.

Assim, no verso acima, onde se lê *inimigo*, leia-se *adversario*, que significa pouco mais ou menos o mesmo, porém é um vocabulo menos odioso que o outro.

O *assalto á artilharia* é uma especie de traducção para o verso de uma bellissima carta que o Dr. Euclides Cunha escreveu de Canudos para o *Estado de S. Paulo*, onde este meu saudoso amigo derramou tanta luz em bellissimas e magistraes correspondencias, que, publicadas em livro, lhe garantiriam um triumpho litterario.

Dolor é uma especie de nenia que escrevi em Canudos, quando me deram a noticia da morte de meu inditoso companheiro Joaquim Pedreira, a quem abraçara dias antes, na hora da sua partida.

Quando publiquei esses versos no *Jornal de Noticias* desta cidade, encimei-os com esta nota, que repro luzo para esclarecer o leitor:

« Este moço partiu de Canudos tão gravemente enfermo, que mal podia suster-se a cavallo. Devido aos grandes soffrimentos por que passou durante a viagem, teve de ficar a trez legoas de Monte-Santo, aos cuidados de algumas pessoas que se condoeram de tanta desven-

tura, enquanto a escolta ia buscar uma padiola para leval-o. Acompanhava-o um comboio de feridos ».

Escaparam á minha revisão alguns erros de pouca importância que o leitor desculpará, evitando-me o trabalho de indicá-los.

Comtudo, saliento os seguintes :

A' pag. 102, onde se lê:

E a mergulhar os pés em borbotões de sangue,

Leia-se :

E a mergulhar os pés em borbotões de sangue.

A' pag. 114, onde se lê:

Todos, ao vel-o assim, encheram-se de assombro,

Leia-se:

Os outros, vendo-o assim, encheram-se de assombro,

A' pag. 133, onde se lê:

Doce imagem, da fé julguei que ereis pequena,

Leia-se:

Doce imagem da fé, julguei que ereis pequena,

A' pag. 172, onde se lê:

Ao retintim tinte das espadas.

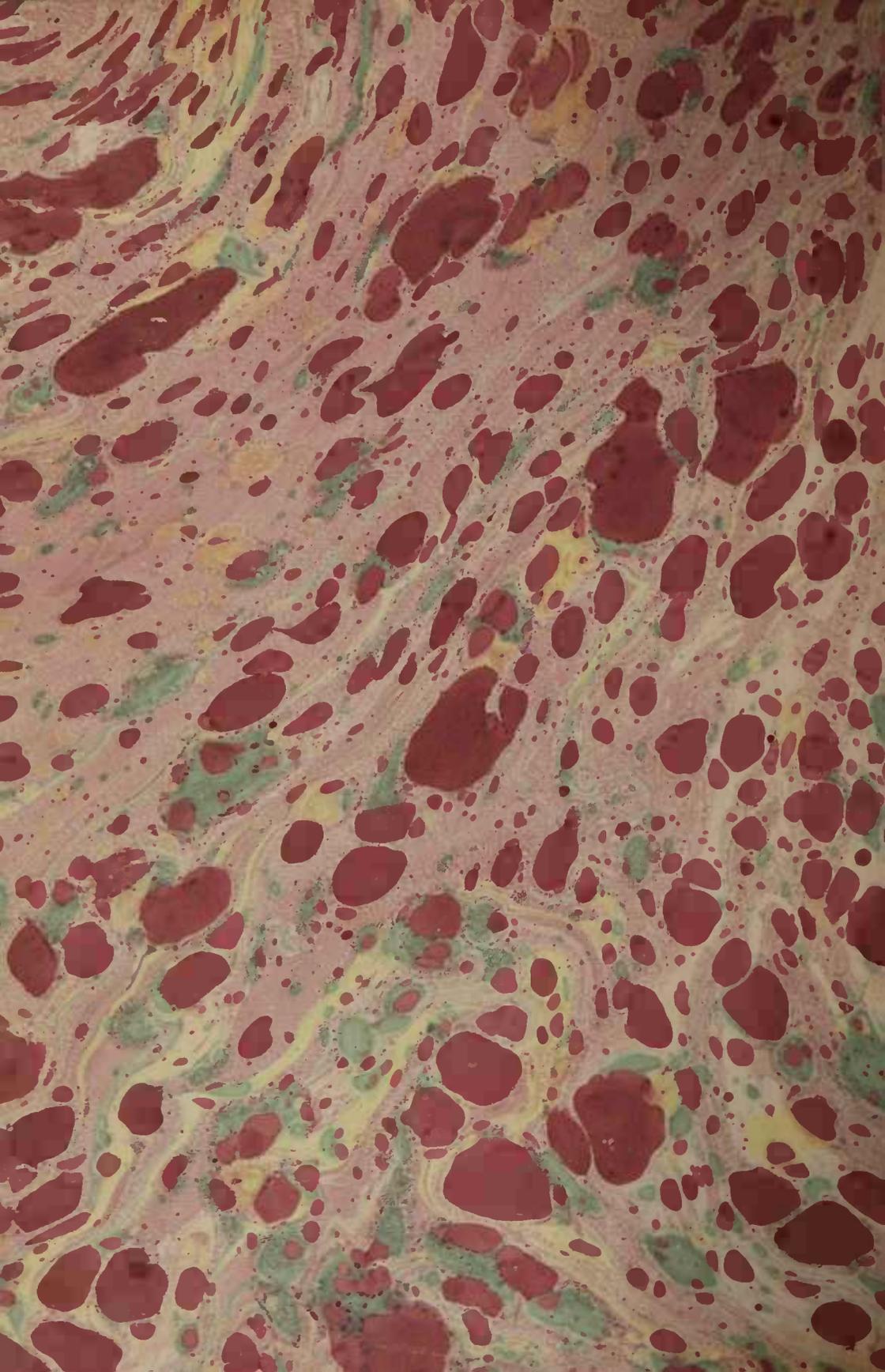
Leia-se:

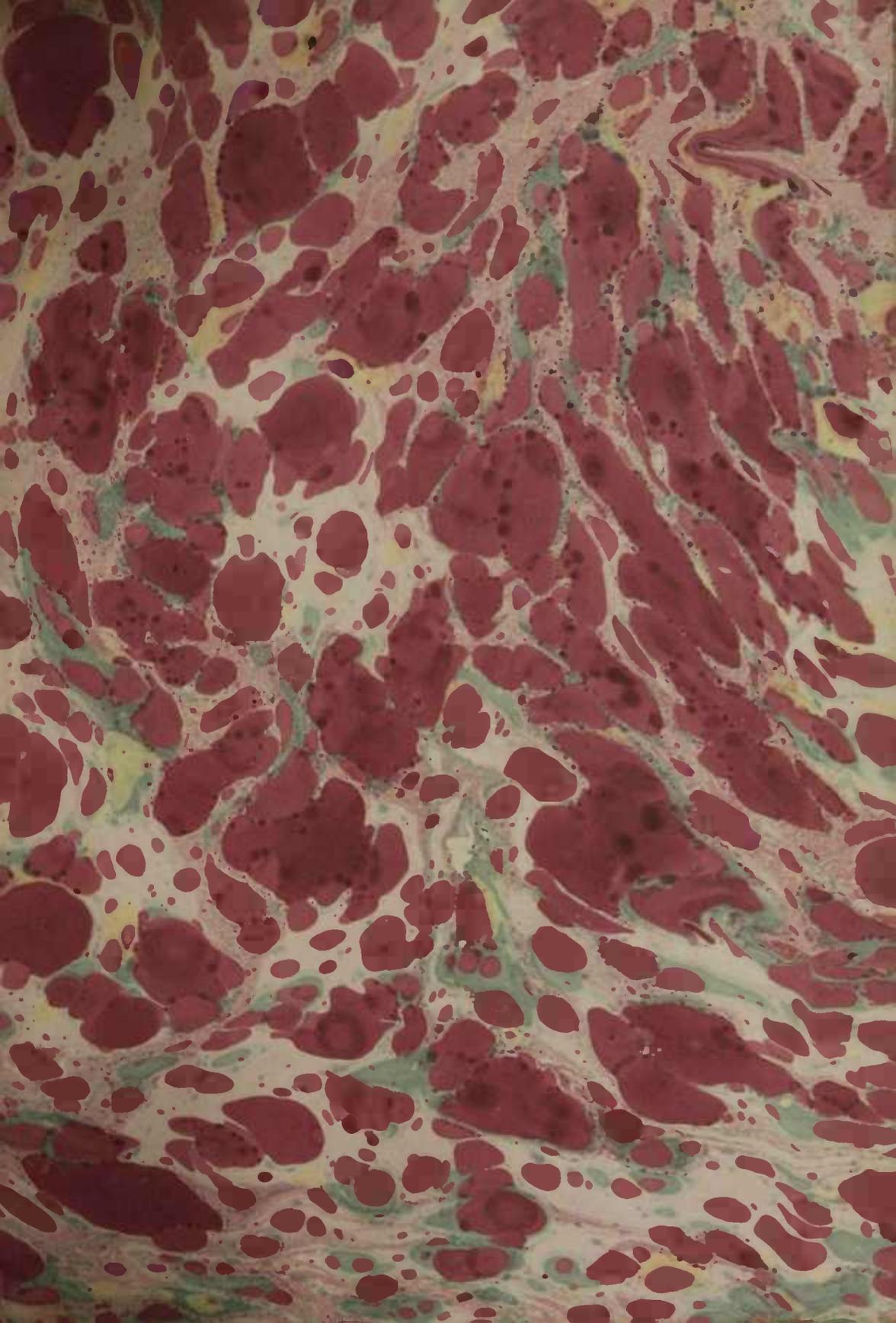
Ao retintin tremente das espadas?!

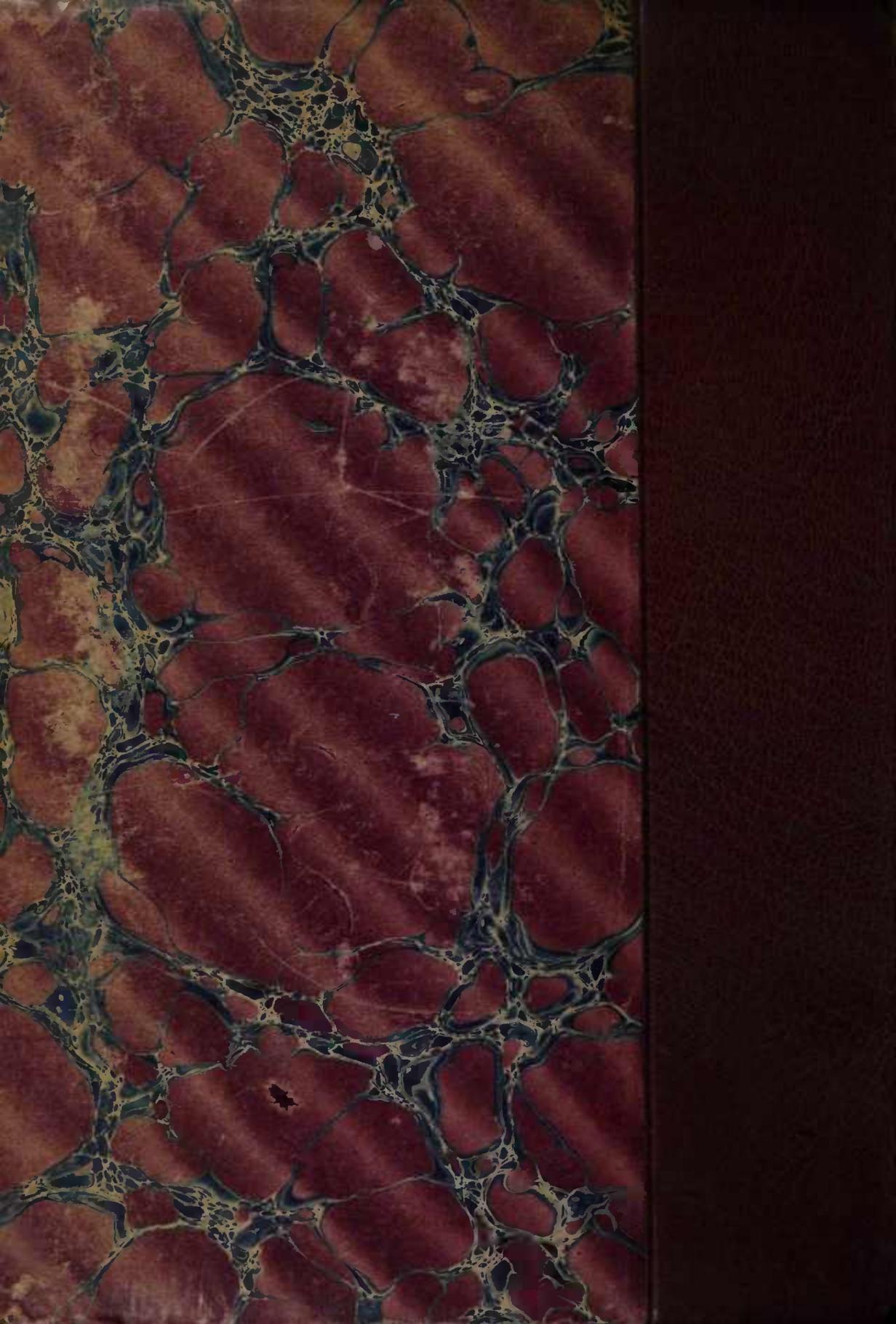
F. M.

INDICE

	Pag.
Carta a um morto.	5
I — Adeus!	9
II — O baptismo de sangue	15
III — Assalto á artilharia	23
IV — A reza	31
V — Os trez officiaes	41
VI — A tomada da trincheira	55
VII — O heróe.	61
VIII — A carta do soldado	67
IX — Dolor	77
X — O Céu	87
XI — A vivandeira	91
XII — O combate	97
XIII — A agonia do ferido	105
XIV — Os dois cadaveres.	115
XV — Os prisioneiros.	121
XVI — O incendio	135
XVII — Crianças prisioneiras	141
XVIII — A caravana maldita	149
XIX — Os cães	157
XX — Mater	167
Notas	175







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).